

FÁTIMA-50^M

Ano I - Nº1

13/Maio/1967



FÁTIMA

1917-1967

Cinquenta anos após um acontecimento que, na altura, sem ter passado inteiramente despercebido, não fazia supor o movimento surpreendente originado e concretizado, nem a sua projecção mundial, eis-nos a comemorar o sucesso mais transcendente da História do Mundo do século XX.

A história conta-se em duas palavras: **a 13 de Maio de 1917 na Cova da Iria, a Mãe de Jesus apareceu a três pastores — Lúcia, Jacinta e Francisco.** Foi num lugar escondido de uma aldeola desconhecida: Fátima. O nome depressa seria decorado por todos os portugueses e pouco depois pelo Mundo inteiro.

A aparição inesperada, deslustrante e ao mesmo tempo íntima e secreta, iria despertar curiosidade, contradições, dificuldades de toda a ordem.

Os primeiros a senti-las foram os protagonistas do Milagre. Depois, a própria Fátima com tudo o que ela é e significa: um Sinal de Deus, uma Mensagem, um Segredo.

Passaram-se cinquenta anos. O tempo pesa sobre as pessoas e os factos. A crítica e a hipercritica tiveram oportunidade de se pronunciar nos mais diversos e contraditórios sentidos. O tempo encarrega-se de destruir ou confirmar as coisas. No nosso caso, o seu efeito foi de confirmação absoluta: aqui esteve a Virgem Maria e falou verdade, uma verdade que, por ser um resumo do Evangelho, tinha, forçosamente, de impor-se e aceitar-se.

Assim foi que, sucessivamente, as autoridades eclesásticas, únicas competentes no assunto, foram afirmando e confirmando Fátima, como veremos brevemente:

1919 — É construída a primeira capela, pela piedade popular e ali, em

1920 — Entronizada a primeira imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Ainda no mesmo ano, por ordem do novo Bispo de Leiria, Dom José Alves Correia da Silva, que entrou na diocese a 5 de Agosto, começou a compra dos terrenos e a construção das primeiras obras.

1928, 13 de Maio — O Senhor Arcebispo de Évora lança a primeira pedra para a construção da futura Basílica.

1930, 13 de Outubro — O Bispo de Leiria aprova oficialmente o culto de Nossa Senhora de Fátima.

1942, 13 de Outubro — Jubileu das Aparições: o Papa Pio XII fala em português para Portugal e consagra o Mundo ao Imaculado Coração de Maria.

1946, 13 de Maio — O Eminentíssimo Cardeal Masella, como Legado do Papa, coroa Nossa Senhora de Fátima.

1951, 13 de Outubro — Encerramento do Ano Santo para o Mundo inteiro, pelo Cardeal Tedeschini, Legado de Pio XII. Estiveram presentes cerca de um milhão de peregrinos de todo o Mundo, 3 Cardeais, 50 Arcebispos e Bispos.

1954 — Dezembro — O Papa confere à igreja de Fátima, Cova da Iria, pela «Luce Superna», o título de Basílica.

1963 — Concessão de missa própria.

1964 — O Papa Paulo VI refere-se a Fátima no Concílio Ecuménico Vaticano II, ao sancionar potestativamente a Constituição Dogmática sobre a Igreja, e concede-lhe a Rosa de Ouro.

1965, 13 de Maio — Entrega solene da Rosa de Ouro, pelo Legado Pontifício, Cardeal Fernando Cento.

Outros acontecimentos que dão a Fátima projecção internacional:

1956, 13 de Outubro — O Cardeal Eugénio Tisserant, decano do Sacro-Colégio,

preside à inauguração da sede internacional do Exército Azul.

1963, 13 de Maio — O Cardeal Arcádio Larraona, Prefeito da Sagrada Congregação dos Ritos, celebra Missa pontifical, inaugurando a Festa Litúrgica de Nossa Senhora de Fátima.

1964, 12 e 13 de Maio — O Cardeal Agostinho Bea, Presidente do Secretariado para a União dos Cristãos, celebra Missa de pontifical e preside à inauguração da Via Sacra do Calvário Húngaro e da Capela de Santo Estêvão, no Cabeço de Aljustrel.

Dizer tudo quanto se passou em Fátima e fora de Fátima a seu respeito não cabe num só artigo. Os leitores da nossa revista vão ter oportunidade de conhecê-lo aos poucos.

Apenas duas palavras para marcar as semelhanças e contrastes entre as duas datas: 1917-1967.

Então, rusticidade, solidão, silêncio, oração.

Hoje, urbanização cosmopolita, multidões procedentes do Mundo inteiro, mas igual espírito de silêncio e oração.

O sinal de Deus, a presença da Virgem Maria, o mistério sobrenatural, manifestam-se em 1967 tal e qual como em 1917.

E a Mensagem de Nossa Senhora, um resumo do Evangelho — Oração e Penitência —, é hoje, **13 de Maio de 1967, repetida pelo Vigário de Seu Filho na terra, o Papa Paulo VI, em pessoa, no mesmo lugar onde Ela falou: Cova da Iria.**

O. F.



DEPÓSITO LEGAL
- 0. AGO. 1967



APRESENTAÇÃO

... Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Sr. Dom João Pereira Venâncio, Bispo de Leiria, o Bispo de Fátima, dignou-se escrever umas palavras de apresentação da nossa revista, que agradecemos e passamos a transcrever :

«Enriquece-se hoje a lista das publicações portuguesas com o aparecimento de «FÁTIMA—50», que vem enfileirar, assim o esperamos, ao lado das melhores revistas portuguesas de actualidades e, pela sua apresentação, número e qualidade de colaboradores, actualidade do

assunto e abundância de gravuras, toma lugar entre as melhores revistas ilustradas portuguesas.

«FÁTIMA—50» é uma revista católica, ilustrada, com um âmbito de informação muito limitado. Não vem fazer concorrência a ninguém nem a nenhuma outra publicação. Por isso as saúdo cordialmente a todas e lhes deseja o maior progresso e desenvolvimento.

«FÁTIMA—50», sonho de há muitos anos, só hoje, ao abrirem-se as comemorações do CINQUENTENÁRIO, se pôde tornar uma realidade. Que seja em boa hora!

Pretende ser uma revista ilustrada de Fátima, um arquivo ilustrado da sua vida e movimento no Santuário, no País e através do Mundo. Podemos dizer que nada lhe é estranho ou indifferente do que disser respeito a Fátima.

Não é uma revista exclusivamente culta nem reservada apenas aos intelectuais. É uma revista para todos quantos se interessam por Fátima, mas desejamos que as pessoas cultas em geral a leiam com agrado.

Vamos começar e não ignoramos as dificuldades de toda a ordem que teremos de enfrentar e vencer, mas confiamos nos nossos amigos e devotos de Nossa Senhora de Fátima, a quem pedimos orações, assinaturas, notícias, fotografias, tudo o que possa abrir caminho à revista de Nossa Senhora de Fátima e fazê-la progredir.

«FÁTIMA—50» nasce para servir como o Divino Mestre. Servir a glória de Deus, a Santa Igreja e o movimento de Fátima.

E com a bênção da Santíssima Virgem, Mãe da Igreja, que há 50 anos aqui apareceu pela primeira vez e a Ela consagrada, confiamos que há-de triunfar.

De todo o coração agradecemos a todos quantos tornaram possível o aparecimento de «FÁTIMA—50» e para ele colaboraram. E com o maior afecto e gratidão abençoamos os que aceitaram tomar sobre seus ombros, aliás experimentados, a pesada responsabilidade deste serviço. Que Nossa Senhora de Fátima faça chover sobre eles e sobre esta humilde empresa e sobre quantos a ajudarem as maiores bênçãos de Deus!



† João, Bispo de Leiria

Excertos da Carta de PAULO VI ao Cardeal Legado D. José da Costa Nunes

Consideramos as celebrações digníssimas da Nossa aprovação, e de forma alguma queremos estar ausentes.

É por isso que, acedendo de boa vontade aos desejos que Nos foram manifestados, te escolhemos a ti, Nosso amado filho, e te nomeamos e constituímos Nosso *Legado a Latere*, a fim de, como Nosso representante, presidires às festas e assembleias que, no mês de Maio, se realizam em Fátima. Por bem sabermos que, além de outras qualidades dignas de louvor, és dotado de notável e reconhecida devoção à Mãe de Deus e dos homens, e tens o maior empenho em A engrandecer, temos a certeza absoluta de que te irás desempenhar admiravelmente desta gravíssima missão, com honra e frutuosa piedade: isto será também para ti uma das maiores honras, que sempre recordarás com prazer por toda a tua vida.

No desempenho desta missão e com a conhecida fluência da tua palavra, cheia de calor e de entusiasmo,

incumbe-te, na, realidade o dever de jubilosamente louvares e exaltares ao máximo a Maria, Mãe de Cristo, como esplendorosíssima aurora da qual nasceu o Sol da Justiça, fundamento sólido da confiança do género humano e causa da sua perpétua alegria, milagre de inefável formosura no plano da natureza e da graça, coroa dos Santos, Rainha do Mundo, coluna da fé ortodoxa, Mãe da Igreja, perene auxiliadora e salvadora do Povo de Deus.

Exorta a grande multidão dos teus ouvintes, dizendo-lhes: Engrandecei comigo a Santa Mãe do Verbo Incarnado e Senhora nossa: «Tu és a glória de Jerusalém, Tu a alegria de Israel e a honra do nosso povo» (Judith, 15, 10). Não é verdade que, com profético conhecimento do futuro, a própria Virgem Mãe de Deus anunciou: «Eis que doravante todas as gerações Me proclamaram Bem-aventurada» (Lc. 1, 48)?

Os factos comprovam brilhantemente a profecia, como é agora este acontecimento hodierno.

É Nosso ardente desejo e voto que, ao celebrarem-se em Fátima estas solenidades, se elevem e ressoem as mais puras e vigorosas palavras a louvar com amor a excelsa Rainha dos Anjos e dos homens.

É muitíssimo necessário que lhes façais fervorosa e ardente exortação a que reparem os pecados cometidos, a fim de se livrarem do perigoso abismo e evitarem cair na ruína e destruição iminentes. É, na verdade, a que realizemos isso com preces e lágrimas, que nos exorta com veemência aquilo do Evangelho: «Se não fizerdes penitência, todos ... perecereis» (Lc. 13, 3).

Acolhamo-nos, pois, depressa, com lágrimas e confiança, ao trono de graça que em Cristo nos está preparado (Cfr. Hbr. 4, 16), a fim de que, pela intercessão da Mãe de misericórdia, se alcance clemência para os pecadores, perdão para as culpas, e se transforme em jubilosa paz o que nos causa fundado terror.

A Igreja, com tão numerosas, árduas e difíceis empresas no meio das quais se encontra no tempo actual, se algum dia, antes, precisou do auxílio d'Aquela que com o Seu pé virginal, sempre esmagou e esmagará a cabeça da serpente antiga, mais precisa hoje do auxílio da que é a fomentadora da paz, a intercessora da vitória certa e a obtentora do triunfo.

Todos, pois, em tão graves circunstâncias, amem e venerem o Coração Imaculado da Bem-aventurada Virgem, esforcem-se por apressar o Seu indubitável triunfo e, à imitação do Seu, procurem ter também um coração puro e firme, e, na posse dele, decidam-se a combater pela nobilíssima causa do Evangelho, a sacrificar-se, a servir, e, por isso, a consagrar-se a si mesmos a este serviço, que vale muito mais do que reinar: «Ó Senhor, eu sou o teu servo, o teu servo e o filho da tua serva» (Salmo 115, 16). É nesta ordem de ideias que hás-de falar aos que em Fátima se juntarem em honra e louvor da Bem-aventurada Virgem Maria, como mensageiro e intérprete dos votos que, com repetidas preces, fazemos subir até junto de Deus, pedindo-Lhe que não fiquem frustradas a Nossa expectativa e esperança do bom êxito, e que produzam os mais abundantes frutos para alegria e aumento da fé.



Roma, junto de São Pedro, 15 de Abril de 1967
IV ano do Nosso Pontificado.

Paulo VI PAPA



FÁTIMA... 1917

CÓN. DR. JOSÉ GALAMBA DE OLIVEIRA

Quem hoje visita Fátima e toma contacto com a sua gente, está muito longe de poder ajuizar com segurança do que era a terra e o povo cinquenta anos atrás e apreciar o caminho andado até aqui.

Habitações, pessoas, apresentação, vida e aspecto exterior; que de mudanças e transformações neste meio século!

A primeira vez que pisei a terra de Fátima foi em 1907 ou 1908 salvo erro.

Tinha então os meus 4 ou 5 anos. Era em Janeiro e recorde-me do espanto com que dei com os olhos em árvores cobertas de flor ao lado da estrada que sobe de Vila Nova de Ourém. Eram amendoeiras que nunca vira até então: explicaram-me os parentes que me acompanhavam. Ia-me ficar dolorosamente gravada na memória aquela viagem. Ao chegar a Fátima quiseram-me fazer ver (para isso nos deslocávamos) o pároco, meu tio e padrinho de baptismo, consumido pela tuberculose e que em menos de dois meses iria partir desta vida.

Mas, ao ver-me entrar ao fundo pela porta do quarto amplo, com voz quase imperceptível mas enérgica, ordenou:

— Levem-me essa criança lá para fora.

E com medo do contágio não permitiu que lhe dessem a ele e a mim o gosto de nos encontrarmos pela última vez nesta vida. Foi essa a última imagem que me ficou do padrinho a quem tanto queria e a primeira impressa na minha alma por esta terra da Fátima, à qual a Providência Divina me iria ligar de maneira tão profunda.

Embora, a cavalo, o tio fizesse rapidamente o percurso entre Aldeia Nova, nossa terra natal, e a sua paróquia de Fátima, a verdade é que nessa altura uma viagem dessas, de carroça, era uma epopeia para crianças de tão tenra idade.

No dia do funeral esperei o acompanhamento no Olival.

Passaram-se anos.

E que eu saiba, só em 1916, já seminarista, voltei a tomar contacto com a terra de Fátima.

Agora era no Verão, nas férias grandes, e ia a caminho do Reguengo do Fetal para tomar parte na missa nova do meu amigo Rev. Pe. Dr. Jacinto dos Reis.

E mal eu diria então que logo no ano seguinte, em Setembro, ali voltaria, a começar a longa série de peregrinações a que o Senhor porá fim quando entender.

Era no dia 13 de Setembro.

Correra mundo a notícia das primeiras aparições e chegara também à minha terra. O Sr. Vigário, o Pe. Faustino José Jacinto Ferreira, pároco do Olival, a quem pedíramos conselho e licença, não nos pôs impedimento. E foi assim que os seminaristas do Olival fizeram a pé, pela estrada de macadame do Olival à Cova da Iria, a sua primeira peregrinação.

E chamo-lhe assim, porque, para além de justificada curiosidade, havia em nós também uma intenção piedosa.

Pusemos ao peito uma medalha de Nossa Senhora com um pequeno laço de seda. E lá viemos de longada até ao local das aparições. Do que então ali se passou não vou agora tratar. Basta dizer que nos demos por contentes de termos vindo. E fomos como havíamos vindo: ora a rezar e a cantar, ora entretidos em conversas da nossa idade e condição. Tinha então 15 anos incompletos e terminara o 3.º ano de preparatórios no Seminário Patriarcal de Santarém.

A Fátima era para todos nós uma terra que se descobria. E com que sofreguidão a observámos e estudávamos! Vêm dessa época as primeiras imagens mais pormenorizadas e mais concretas da terra e das gentes.

Não havia ali nada de construção civil. Em cima, deixara o homem o primeiro sinal visível da civilização: a estrada de macadame que descia para o Reguengo e Batalha.

Ali, à parte uns pedacitos cultivados, tudo eram raras árvores e arbustos num terreno pedregoso, recoberto de pedras soltas e dividido nas extremas pelos característicos muros de pedra insossa que ainda hoje se vêem por todos os lados não longe do Santuário.

A casa mais próxima ficava situada junto da Lagoa da Carreira e foi destruída ao fazer-se a rotunda que hoje ali se vê.

E o trânsito pela estrada de macadame era tão diminuto que grande parte do ano crescia erva no próprio empedrado.

A vida da gente da serra era simples e límpida como o ar diáfano e o céu azul que os cobria.

Trabalhava-se de sol a sol; a vida era dura como em geral a vida do campo para quem o cultivava. Mas a população era sadia: bem se podia dizer que tinha uma alma sã em corpo sã.

Talvez aqui ou além um pequeno excesso de bebida em dia de festa. Toda a gente respeitava os bens dos outros e o Dia do Senhor.

Gente rude, inculta, mas, do seu natural, boa, sinceramente praticante, trabalhadora, simpática, morigerada.

Depois veio, após as aparições, uma invasão de gente de negócios, de videirinhos, ambiciosos, sem escrúpulos, mudar a face da terra e das coisas.

Nasceu um novo lugar: a Cova da Iria. Outros receberam novos habitantes.

E nem todos eram de primeira escolha.

A gente de há cinquenta anos teve saudades do seu tempo e de Fátima de então.

Não foi a mudança para mal, foi Nossa Senhora que apareceu ali e levou o nome de Fátima através do Mundo.

A 13 de Maio de 1917

Do livro JACINTA do Padre José Galamba de Oliveira

«Por acaso (fala Lúcia), se é que nos desígnios da Providência há acasos, escolhemos, nesse dia, para pastagem do nosso rebanho a propriedade pertencente a meus pais, chamada Cova da Iria, para onde, outras vezes, costumávamos ir.

Determinada, como de costume, junto do *Barreiro*, qual a pastagem do dia, tivemos, por isso, de atravessar a charneca, o que nos tornou o caminho dobradamente longo. Iamos devagar, para que as ovelhinhas fossem pastando pelo caminho, e chegámos cerca do meio-dia.»

Brincavam no alto, onde hoje se ergue a nova igreja, e o rebanho pastava em volta. De repente, «vimos o reflexo de uma luz que julgámos ser um relâmpago e, como estávamos habituados a ver relâmpagos só quando havia trovoadas, daí o julgarmos que viria trovoadas». O tempo estava lindo, mas, como as trovoadas de Maio têm fama na nossa terra, Lúcia, a mais velha, entendeu que era melhor voltar para casa. Tocaram os rebanhos. Voltavam já e vinham em frente da azinheira pequena, onde hoje está a capelinha das Aparições, quando uma luz brilhante lhes chama a atenção. Junto dela, à sua frente sobre uma carrasqueira, estava Nossa Senhora. «Entre a luz que a envolvia via-se uma Senhora perfeita em tudo. Estávamos já tão perto que ficámos algo dentro da luz que a envolvia». Fala-lhes. Resolvem guardar segredo, mas a Jacinta não parava. Quando chegou a casa, não se teve que o não dissesse.

A Lúcia ficou triste com isso e censurou-a, dizendo que era ela a culpada dos desgostos e perseguições que, depois, tiveram que sofrer.

Demos a palavra à Lúcia:

«Antes de começar a contar o que me lembra do novo período da vida da Jacinta, talvez agora me veja obrigada a dizer algumas coisas das manifestações de Nossa Senhora que nós tínhamos combinado nunca dizer a ninguém, para explicar onde a Jacinta foi beber tanto amor a Jesus, ao sofrimento e aos pecadores, pela salvação dos quais tanto se sacrificou.

Foi ela que, não podendo conter em si tanto gozo, quebrou o nosso contrato de não dizer nada a ninguém. Quando, nessa mesma tarde, absorvidos pela surpresa, permanecíamos pensativos, a Jacinta, de vez em quando, exclamava com entusiasmo:

— *Ai que Senhora tão bonita!*

— *Estou mesmo a ver, dizia-lhe eu, que ainda vais dizer a alguém.*

— *Não digo, não, respondia, está descansada.*

No dia seguinte, quando seu irmão correu a dar-me a notícia de que ela o tinha dito, à noite, em casa, a Jacinta escutou a acusação, sem me dizer nada.

— *Vês, eu bem me parecia, disse-lhe eu.*

— *Tenho cá dentro uma coisa que não me deixava estar calada, respondeu ela com as lágrimas nos olhos.*

— *Agora não chores e não digas mais nada a ninguém do que essa Senhora nos disse.*

— *Eu já disse.*

— *O que disseste?*

— *Disse que essa Senhora prometeu levar-nos para o Céu.*

— *E logo foste dizer isso!*

— *Perdoa-me, eu não digo mais nada a ninguém.*

Quando nesse dia, chegámos à pastagem, a Jacinta sentou-se, pensativa, numa pedra.

— *Jacinta, anda brincar.*

— *Hoje não quero brincar.*

— *Porquê?*

— *Porque estou a pensar que aquela Senhora nos disse para rezarmos o terço e fazermos sacrifícios, pela conversão dos pecadores; agora, quando rezarmos o terço, temos de rezar a Ave Maria e o Padre Nosso inteiros. E os sacrifícios, como os havemos de fazer?»*

Pelos outros companheiros, pelos vizinhos e até, talvez, pelos irmãos dos videntes, por troca, começou a divulgar-se a notícia.

De mês para mês, aumentava o número dos que queriam assistir a essas celestes manifestações.

A autoridade religiosa e a autoridade civil tomam conhecimento do caso e procedem segundo os seus ideais e convicções.

O Sr. Prior, prudentemente, afasta-se. O administrador do concelho mete-se onde não era chamado. As aparições da Cova da Iria são do domínio público.

A notícia chega ao longe.

Em Outubro, 70.000 pessoas vêm à Cova da Iria.

Vêm jornalistas ávidos de notícias. Vêm descrentes, por escárnio. Há conversões. No sol e no céu, fenómenos que a ciência não sabe explicar.

Após a última aparição, continuam as romagens ao lugar que os videntes afirmam santificado pela presença corporal da Virgem Santíssima.

Tal é, a traços largos, o resumo do que se passou.

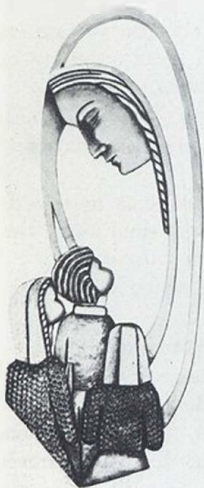
Mal os pequenos imaginavam para quantos sacrifícios e tribulações os chamava a Senhora. Perdão, eles sabiam, mas não no diziam a ninguém. De vez em quando, abre-se apenas, aqui e além, uma pontita do véu.

«Foram as seguintes as palavras que a SSma. Virgem me disse, neste dia, e que combinámos nunca revelar. Depois de nos haver dito que íamos para o Céu, perguntou:

— *Quereis oferecer-vos a Deus, para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?*

— *Sim, queremos, foi a nossa resposta.*

— *Ides, pois, ter muito que sofrer, mas a graça de Deus será o vosso conforto.»*



PASTORAL COLECTIVA DO EPISCOPADO PORTUGUÊS

1. — Três pastorinhos da Serra de Aire, Lúcia, Francisco e Jacinto, afirmaram que viram Nossa Senhora na Cova da Iria nos dias 13 de Maio a Outubro de 1917. E disseram que a Aparição lhes falou, exortando-os a rezarem o terço e a fazerem penitência para alcançarem o fim da guerra e desviarem as almas do caminho da perdição. Comprovaram estas afirmações com o anúncio de acontecimentos extraordinários que a seu tempo se verificaram, designadamente um prodígio solar, que no dia da última aparição foi visto por milhares de pessoas.

A notícia despertou um invulgar movimento de peregrinos que, vencendo todas as dificuldades, enche continuamente os caminhos de Fátima. Os pastorinhos, que no dia 13 de Maio estavam sós, no dia 13 de Outubro já estavam acompanhados por mais de 80.000 pessoas. E depois as peregrinações haviam de atingir 500, 600 mil pessoas e até um milhão, vindas de todos os continentes.

Depressa havia de reconhecer-se que os acontecimentos da Cova da Iria eram o facto mais saliente de toda a história religiosa de Portugal.

Entretanto a Igreja estudou demoradamente estes acontecimentos, organizando um verdadeiro processo canónico, que estendeu ao longo de oito anos, permitindo recolher todos os testemunhos possíveis, e sobretudo verificar a prova decisiva do tempo.

No dia 13 de Outubro de 1930, treze anos depois da última aparição, quando a todos parecia já por demasiado satisfeita a prudência da Igreja, o Prelado de Leiria formulou assim o seu juízo:

«Em virtude das considerações expostas e outras que omitimos por brevidade, invocando humildemente o Divino Espírito Santo e confiados na protecção de Maria Santíssima, depois de ouvirmos os Rev. Consultores desta nossa Diocese, havemos por bem declarar como dignas de crédito as visões das crianças na Cova da Iria, freguesia de Fátima, desta Diocese, nos dias 13 de Maio a Outubro» (1).

Desde então para cá multiplicaram-se os mais claros testemunhos do sentir da Igreja sobre a realidade das Aparições de Nossa Senhora em Fátima.

Não foram apenas os Bispos de Portugal a presidirem individual ou colectivamente às peregrinações; têm vindo Bispos de toda a parte e Cardeais da Santa Igreja.

O próprio Papa tem aproveitado muitas oportunidades para manifestar o seu sentir.

Pio XII fez a Consagração do Mundo ao Imaculado Coração de Maria a 13 de Outubro de 1942, na Radiomensagem em que se associava às celebrações do 25.º aniversário das Aparições. A 13 de Maio de 1946 o mesmo Pontífice enviou a Fátima um seu Legado para coroar a imagem de Nossa Senhora. E em 1951, ainda Pio XII, escolheu o Santuário de Fátima para nele se fazer o encerramento solene do Ano Santo.

João XXIII proclamou Nossa Senhora do Rosário de Fátima Padroeira Principal da Diocese de Leiria, fixando a respectiva festa litúrgica, com ofício e Missa próprios, no dia 13 de Maio de cada ano; e sabemos que recordava sempre com ternura a sua vinda ao Santuário como Cardeal peregrino, a 13 de Maio de 1936.

Paulo VI, logo nos primeiros encontros com prelados portugueses, recomendou-se às orações do Santuário de Fátima; e no encerramento do terceiro período do Concílio, quando proclamou Nossa Senhora Mãe da Igreja, anunciou: «Decidimos enviar a Rosa de Ouro ao Santuário da Virgem de Fátima, muito querido não só pelo povo de tão nobre Nação Portuguesa — povo que sempre nos foi caríssimo, e hoje o é de maneira particular — senão também igualmente conhecido e venerado pelos fiéis de todo o mundo católico» (2).

A história regista muitas outras provas de estima dadas pelos Sumos Pontífices; mas estas bastam para mostrar como a Hierarquia da Igreja, ao longo destes cinquenta anos, aceita os acontecimentos da Cova da Iria em 1917.

E agora, ao passar meio século sobre estes acontecimentos, os Bispos, a quem o Senhor fez pastores da grei portuguesa, julgam seu dever estimular e ajudar os fiéis que lhes estão confiados a celebrarem condignamente esta grande data e a colherem a lição que a Providência nos oferece.

2. — Apoiados no testemunho da Igreja, nós aceitamos a Mensagem que os pastorinhos nos transmitiram da parte de Nossa Senhora.

Esta mensagem costuma resumir-se em duas palavras que encerram todo um programa de vida cristã: *oração e penitência*. Para bem a compreendermos é necessário termos presente o seu contexto histórico e teológico.

Nossa Senhora recomendou oração e penitência como os grandes caminhos daquela paz pela qual a humanidade suspirava em 1917.

Três anos de luta constituíam um enorme desgaste material, um empobrecimento colectivo e sobretudo uma perda de vidas como até então nunca se tinha verificado. O Mundo estava cansado; todos queriam que a guerra acabasse e os soldados voltassem para as suas famílias.

Nossa Senhora não se limitou a recomendar oração e penitência para que a guerra acabe; Ela mostra a relação profunda que há entre o castigo de guerra e o pecado: «*Não ofendam mais a Nosso Senhor que já está muito ofendido*». E depois esclarece: «*a guerra vai acabar mas, se não deixarem de ofender a Deus... começará outra pior*».

As guerras não são apenas o fruto do desentendimento dos homens entre si; elas são, acima de tudo, consequência do pecado, isto é, do desentendimento dos homens com Deus.

E por isso, junto à ameaça de uma nova guerra, vem na mensagem de Nossa Senhora o aviso do perigo do Inferno, em que as almas podem cair se não emendarem a sua vida. Na terceira aparição este aviso toma a forma muito concreta e sensível de uma visão desse terrível lugar de suplícios eternos. Ao mesmo tempo Nossa Senhora apela para a generosidade das crianças pelos pobres pecadores, para que estes se convertam e não caiam no Inferno.

Assim a mensagem de Fátima constitui um conjunto que está em perfeita harmonia com a Mensagem do Evangelho e com a doutrina da Igreja. Não se trata apenas de uma coincidência accidental ou secundária; é uma correspondência perfeita com as mais profundas realidades da Revelação Cristã. O pecado, causa suprema de todos os castigos que Deus nos manda, é também a causa da última ruína do homem, a sua condenação ao inferno.

Para nos remir do pecado e das suas consequências veio Cristo ao mundo, pregou-nos a necessidade da penitência ou emenda de vida e morreu por nós. Nossa Senhora fez-se eco da Mensagem de Cristo no Evangelho: *não ofendam mais a Nosso Senhor...*

Por coincidir assim tão perfeitamente com a Mensagem do Evangelho, a de Fátima aparece-nos com uma validade verdadeiramente universal. O que Nossa Senhora disse aos pastorinhos em 1917 vale para todos os tempos e para todos os homens. Esta é, sem dúvida, a melhor explicação da vinda a Fátima de peregrinos de todos os confins da terra.

3. — A oração é o primeiro aspecto da Mensagem de Fátima; e esta oração concretiza-se no Rosário.

Em todas as aparições os pastorinhos ouviram a mesma recomendação: rezem o terço para que a guerra acabe, rezem o terço para que as almas não caiam no Inferno, rezem o terço para alcançar a paz. E entre todos os nomes que lhe são próprios, Nossa Senhora escolhe em Fátima, para se identificar, o de *Senhora do Rosário*.

A oração é o trato com Deus e pode revestir as formas mais variadas.

Quando os nossos primeiros pais, no paraíso terreal, se entreteñam familiarmente com o Senhor, que os havia criado e deles cuidava como verdadeiros filhos, todo esse trato, que não usava fórmulas feitas, mas abria inteiramente os corações, era verdadeira oração.

Foi o pecado que veio cortar estas relações íntimas do homem com Deus, pela desobediência inicial e pelos castigos que arrastou consigo. O homem pecador ainda continuou a poder dirigir-se a Deus, mas em certo modo sempre à distância e quase só a pedir-lhe perdão das suas infidelidades.

Entre a oração e a vida em graça há uma relação muito profunda, que explica a insistência de Nossa Senhora a reco-

mendar-nos a oração. A alma que reza, se ainda não está em graça, está seguramente no caminho da graça.

Os Patriarcas e os Profetas do Antigo Testamento foram grandes modelos de oração, por terem sabido manter sempre na sua vida a união com Deus.

E uma das recomendações mais insistentes de Nosso Senhor no Evangelho é a oração.

4. — O Rosário foi a oração que Nossa Senhora recomendou em Fátima.

Não podemos deixar de recordar que o Rosário tem sido a grande oração do povo cristão, que muitas vezes não sabe rezar outra coisa. O Rosário estava tão radicado nos costumes do nosso povo, que os pastorinhos o rezavam antes das suas brincadeiras, embora o fizessem muito imperfeitamente.

Só a rotina pode fazer perder de vista a riqueza desta oração. Não seja porque o rezamos todos os dias que o PAI NOSSO deixe de nos parecer a mais perfeita oração inspirada, aquela em que Nosso Senhor exprimiu o melhor que nós podemos pedir a Deus. E também não seja porque a repetimos muitas vezes que a AVE MARIA deixe de ter os encantos do anúncio da Encarnação.

A meditação dos mistérios da nossa salvação, harmoniosamente aliada à oração vocal, pode fazer do Rosário um dos mais perfeitos e completos conjuntos de oração, individual ou comunitária, do povo cristão.

O Concílio, no Capítulo VIII da Constituição LUMEN GENTIUM, exorta os filhos da Igreja a *«que tenham em grande estima as práticas e os exercícios de piedade que em honra da Virgem Santíssima o Magistério da Igreja recomendou no decorrer dos séculos»* (3). Ora o Rosário conta na sua história pelo menos quarenta e quatro Sumos Pontífices que o louvaram e recomendaram em mais de duzentos documentos.

Ainda há pouco o Santo Padre Paulo VI, numa Encíclica aos Bispos de todo o mundo, falava assim: — *«já que se oferece esta ocasião oportuna, não deixeis de inculcar com todo o cuidado a prática do Rosário, a oração tão querida à Virgem e tão recomendada pelos Sumos Pontífices, por meio da qual os fiéis podem cumprir da maneira mais suave e eficaz o mandamento do Divino Mestre: pedi e recebereis, procurai e achareis, chamaí e abri-vos-ão»* (Mat. 7/7) (4).

Esta palavra do Papa é dos mais belos elogios que se podem fazer ao Rosário pois lhe chama a oração *«mais suave e eficaz»*; esta palavra é autêntico testemunho do sentir da Igreja sobre o Rosário de Nossa Senhora, e também prova evidente da actualidade da Mensagem de Fátima.

5. — Porém a Mensagem de Nossa Senhora, mais do que mensagem de oração, é mensagem de penitência, no sentido muito concreto de arrependimento e emenda da nossa vida.

Na tarde do próprio dia 13 de Outubro a Lúcia respondia assim a perguntas que lhe faziam: — *E que disse Nossa Senhora? — Disse que nos emendássemos, que rezássemos o terço e pedíssemos perdão dos nossos pecados... disse que rezássemos o terço e nos emendássemos* (5).

O pecado é abuso da liberdade do homem, é revolta contra a vontade de Deus, como lembrou recentemente o Concílio (6); por isso o verdadeiro remédio para o pecado e para as suas consequências será a emenda, isto é, o regresso a Deus, que se há-de traduzir pelo cumprimento fiel do dever de cada dia: *Não ofendam mais a Nossa Senhora*.

A Mensagem de Nossa Senhora coincide com a revelação cristã. João Baptista, à beira do Jordão, exorta os seus ouvintes a mudarem de vida, porque se aproximava o Reino de Deus (Mat. 3/2). Nosso Senhor iniciou a sua pregação dizendo a mesma coisa (Mat. 4/17).

A penitência da Mensagem de Fátima, como a da pregação de João Baptista e do próprio Cristo, é a mudança de vida, é o abandono da nossa mentalidade errada e das nossas atitudes contrárias à vontade de Deus. A palavra mais expressiva para designar esta realidade ainda é aquela que os próprios videntes referem: *emenda. Disse que nos emendássemos*.

Nossa Senhora também pediu penitências corporais com reparação pelos pecados dos outros, mas a sua maior insistên-

cia foi na emenda de vida, a verdadeira e a mais eficaz penitência que podemos e devemos fazer.

E ainda neste ponto nos aprez destacar a concordância da Mensagem de Fátima com a doutrina da Igreja. Paulo VI ao proclamar um jubileu conciliar, diz assim: *«esperamos de todos os fiéis aquela transformação das almas que só se pode obter no íntimo de cada homem»* (7).

É também neste sentido que havemos de entender aquela renovação ou *aggiornamento* que a Igreja pretende seja fruto do Concílio. Não bastam as mudanças nas expressões exteriores da vida cristã, o que mais importa é, sem dúvida, a renovação do homem no interior da sua alma, a perfeita concordância do seu pensar e do seu sentir com a vontade de Deus e a doutrina da Igreja.

6. — As peregrinações a Fátima são um grande testemunho de oração e de penitência, elas são sobretudo um veemente apelo à reparação pela conversão dos pecadores. Os peregrinos encaminham-se para os confessionários ao longo de todo o dia e de toda a noite, concentram-se na adoração a Jesus Sacramentado e abeiraram-se em grande número da mesa eucarística na missa da Comunhão Geral. E ao longo de todos estes actos a oração que mais ressoa em todo o Santuário é: *Meu Deus, eu Creio, adoro, espero e amo-Vos; peço-Vos perdão para os que não crêem, não adoram, não esperam e não Vos amam*.

Esta é uma das grandes riquezas da Mensagem de Fátima. Nossa Senhora mostrou-a ainda melhor quando recomendou a devoção ao seu Coração Imaculado pela Comunhão reparadora.

Os pastorinhos entenderam tão bem este aspecto da Mensagem, que se entregaram, com extraordinária generosidade, à prática da penitência pela conversão de pecadores. É este um dos aspectos mais impressionantes da sua vida depois das Aparições. O seu exemplo tem arrastado multidão de almas, tem criado um verdadeiro movimento de reparação, que se integra muito bem na espiritualidade cristã.

7. — Sua Eminência o Cardeal Arcádio Larraona, Prefeito da Sagrada Congregação dos Ritos, na homilia que pronunciou em Fátima a 13 de Maio de 1963 falou assim: *«jamais houve manifestação sobrenatural de Nossa Senhora, de conteúdo espiritual tão rico como a de Fátima, nem Aparição alguma reconhecida nos transmitiu mensagem tão clara, tão materna, tão profunda como esta»* (8).

Quando pensamos que para Fátima convergem as multidões, não apenas de Portugal mas do mundo inteiro, quando pensamos que ali se ergueu verdadeiramente um altar do mundo, não podemos deixar de admirar os desígnios do Senhor, que mandou a Sua Mãe à terra portuguesa para ajudar a salvar-nos.

Aquela mediação ou influxo maternal de Maria que a tradição cristã sempre reconheceu, e que o Concílio tão luminosamente explicou (9), ali se exerce de modo palpável.

Se é verdade que alguns vão a Fátima levados por um sentimentalismo superficial, e não chegam a deixar-se impregnar da Mensagem da Senhora, muitos outros ali encontram a graça que lhes quebra o respeito humano, lhes vence a resistência do pecado, lhes renova a vida espiritual e muitas vezes os transforma em verdadeiros apóstolos.

A história de Fátima não é feita apenas com os fenómenos sensíveis verificados no decurso das aparições, ou com os milagres operados durante as peregrinações; a história de Fátima é feita sobretudo com esses prodígios misteriosos operados no íntimo das almas, nos retiros espirituais, na adoração eucarística, na recepção do sacramento da penitência. Sente-se ali a presença de Maria na sua mediação operante, a obter continuamente para as almas os dons da salvação eterna.

E não é só em Fátima que Ela actua. A sua imagem tem peregrinado por todas as terras de Portugal e por muitas do Mundo inteiro. Por toda a parte onde Ela passa, é sensível a sua presença. Aprez-nos citar aqui as memoráveis palavras de Pio XII, a propósito desta peregrinação singular: *E à sua passagem (da Imagem Peregrina) na América como na Europa, na África e na Índia, na Indonésia e na Austrália, chovem*

(Continua na pág. 16)

JOÃO XXIII esteve aqui

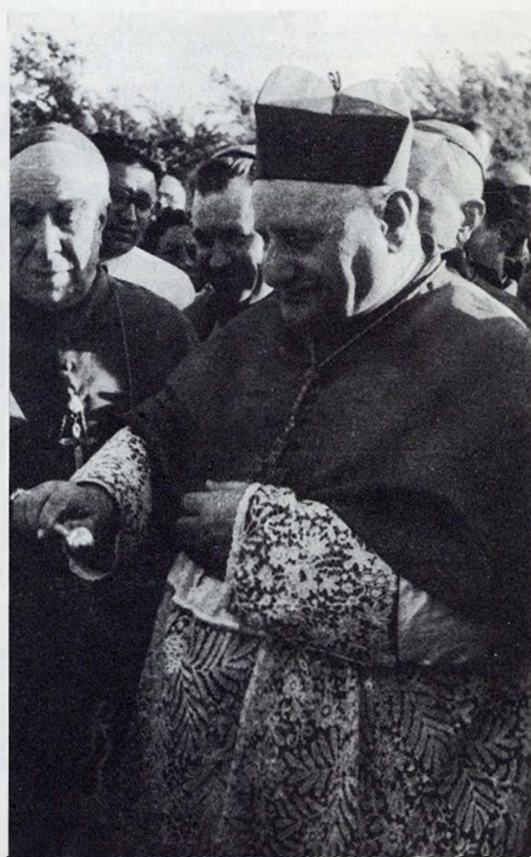
Veio a Fátima em Maio de 1956, de 9 a 15. O Santuário oferece-lhe o Cálix cuja foto reproduzimos. Em recompensa, no seu testamento, ofereceu à Diocese de Leiria, na pessoa de D. João Pereira Venâncio a sua Cruz peitoral. Causou-lhe profunda impressão tudo o que pôde observar neste bendito lugar onde esteve a Virgem Maria, como se pode verificar nestes pequenos extractos do seu diário íntimo: «A peregrinação a Fátima impediu-me de participar nos Exercícios dos Excelentíssimos Bispos meus irmãos, da região de Veneza ... (Por essa razão teve de fazê-los juntamente com os seus sacerdotes mas escrevendo no seu diário): «Fico firmemente convencido de que não é conveniente fazer os Exercícios com os meus sacerdotes, pois devendo dar atenção aos problemas de cada um, não me sobra tempo nem calma para me ocupar da minha intimidade espiritual ... (Este retiro realizou-se de 11 a 15 de Junho de 1956. Dessa mesma altura são estas palavras): «A lembrança de Fátima e das consolações

que lá encontrei fazem-me venerar cada vez mais o preceito do Senhor: (evangelizare pauperibus et sanare contritos corde).»

Da Homília que proferiu em Fátima durante a Missa Pontifical que celebrou, extraímos a seguinte oração a Nossa Senhora de Fátima, que revela tudo quanto o bom Papa João, na altura Cardeal *Ângelo Roncalli*, Patriarca de Veneza, sentia pela nossa terra e especialmente por Fátima:

«Abençoa, ó Mãe, esta Tua nobre Nação Lusitana que escolheste para novo santuário das Tuas maravilhas e que chamaste a gozar, antes das outras, os benefícios da Tua protecção. Abençoa-a, aqui no Continente e nas suas Províncias Ultramarinas que continuam a gozar os benefícios e os progressos da paz cristã.

Abençoa-a nos homens ilustres que presidem, com alta dignidade e sabedoria, ao seu governo, e de cujas amabilidades, no acolhimento que me fizeram, conservarei as mais gratas recordações.



Abençoa toda a Europa, hoje mais do que nunca atormentada por profundas divisões entre aqueles que julgam poder edificar uma sociedade humana sem Cristo, Teu Filho, que é o Salvador do Mundo, o Caminho, a Verdade e a Vida, e aqueles que procuram permanecer fiéis às gloriosas tradições dos seus antepassados.

Das suas praias partiram há séculos os exploradores e conquistadores cristãos, que foram os primeiros a comunicar a Mensagem de Cristo e da Sua Paz a continentes até então desconhecidos e onde o nome querido e prodigioso de Fátima é já hoje venerado.

Não te esqueças, ó Mãe, Rainha de todas as terras e todos os mares, deste humilde servo da Santa Igreja, que hoje goza do grande privilégio de honrar-Te aqui «ubi steterunt pedes tui». O seu título de Patriarca de Veneza vale-lhe uma comunhão fraterna, de convicção e de confiança na vocação de Fátima, com o ilustre e Emmo. Patriarca de Lisboa, tão amável no acolhimento que me fez, juntamente com o Venerando Bispo de Leiria e os outros membros do Episcopado português.

Tu sabes, Mãe, como é grande e vivo o culto por Ti nas margens dos canais de Veneza, a Senhora da Saúde e a Senhora de Nicopeia, duas imagens veneradíssimas, uma no seu templo incomparável e a outra sobre um altar preciosíssimo, junto ao túmulo de S. Marcos, vindas ambas de Chio e de Bizâncio, são como que dois olhos bons e resplandecentes nos quais sorri o Teu amor de Mãe dos antigos cristãos do Oriente, superado apenas, julgo eu, pelos actuais filhos de Veneza, depositários há já 7 séculos, de tão grande tesouro. A estas acrescentarei, para venação do meu povo e como recordação desta minha peregrinação, testemunho dos meus votos por tudo o que há de mais caro para o coração de um pastor nas circunstâncias actuais especialmente delicadas, a Tua imagem deliciosa e real, ó Senhora de Fátima, como que a juntar mais uma vez das margens dos dois mares, o Oriente e o Ocidente, no Teu amor «ad ortu solis usque ad occasum».

Saúde quer dizer incolumidade pessoal e preservação de males temporais. Nicopeia significa Rainha das Vitórias. Ah! eu não penso em vitórias de ordem militar, que comportam sempre violência, ferocidade humana e sangue. Penso apenas em conquistas espirituais em ordem à verdade, ao Evangelho, à Santa Igreja Católica, ao seu Chefe Augusto, à justiça, à liberdade, à paz das almas, das Nações, de todo o Mundo.

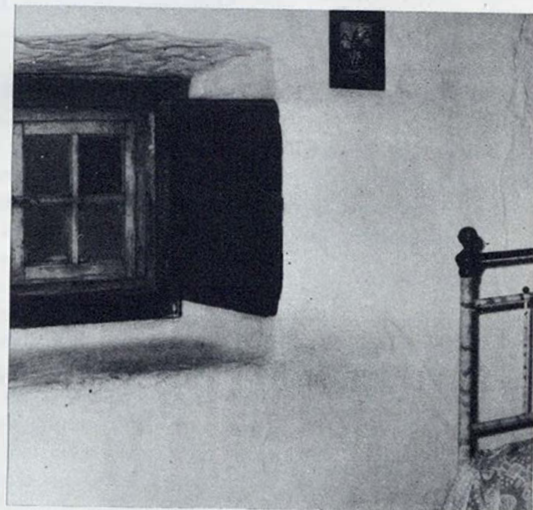
E quero repeti-lo mais uma vez em meu nome e em nome desta multidão que aqui veio de tantos países: Senhora de Fátima, pela virtude do Teu Coração Imaculado, obtém-nos de Jesus bendito, fonte de todas as graças, a justiça, a caridade, a paz. Assim seja.

ÂNGELO JOSÉ RONCALLI

- 25/11/1881 — Nasce e é baptizado em Sotto il Monte (Bérgamo).
- 10/8/1904 — Ordenado Sacerdote em Roma.
- 1915 - 1918 — Capelão militar.
- 18/1/1921 — Presidente do Conselho Central para a Itália das Obras Missionárias Pontifícias.
- 19/3/1925 — Elevado ao Episcopado e nomeado visitador Apostólico na Bulgária.
- 24/11/1934 — Mudado o seu título de Arcebispo de Areopolis para o de Mesembria e transferido para a Delegação Apostólica da Turquia e Grécia.
- 22/12/1944 — Nomeado Nuncio em Paris.
- 4/6/1952 — Nomeado Observador permanente da Santa Sé na U.N.E.S.C.O.
- 12/1/1953 — Elevado ao Cardinalato. O Santo Padre anuncia em Consistório a sua nomeação para Patriarca de Veneza.
- 9-15/5/1956 — Vem a Portugal e, concretamente a Fátima.
- 28/10/1958 — Eleito Papa, toma o nome de João XXIII. Pio XII falecera em Castelgandolfo em 9 de Outubro desse mesmo ano.
- 29/6/1959 — Primeira Carta Encíclica: Ad Petri Cathedram.
- 15/5/1961 — Publica a Encíclica Mater et Magistra.
- 25/12/1961 — Promulga a Carta Apostólica Humanae salutis, convocando para 1962 o Concílio Ecuménico Vaticano II.
- 2/2/1962 — Com o Motu proprio — Consilium — anuncia para 11 de Outubro o início do Concílio.
- 11/10/1962 — Inaugura o Concílio Vaticano II.
- 8/12/1962 — Fecha com um discurso a I Sessão do Concílio.
- 1/3/1963 — Foi-lhe conferido o prémio internacional para a Paz «Fundação Eugénio Balzan».
- 9/4/1963 — Publica a Encíclica Pacem in Terris.
- 17/5/1963 — Celebra a sua última Missa.
- 20/5/1963 — Último dia de audiências.
- 30/5/1963 — Com o espírito animoso prepara-se para a morte e pede que lhe administrem os últimos sacramentos.
- 3/6/1963 — Ao acabar a Missa celebrada pelo Cardeal Luigi Traglia, expira suavemente, eram 19.49.



OS LUGARES SAGRADOS



primitiva casa (house, maison) de
Lúcia.

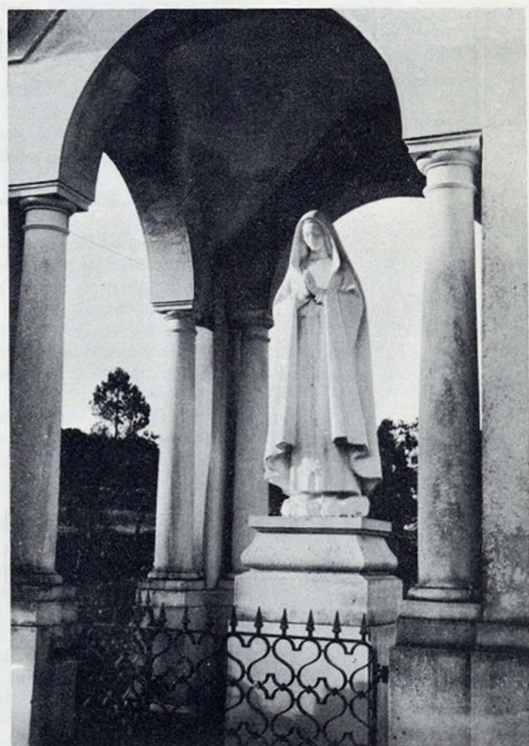
poço da Casa de Lúcia onde o Anjo
pareceu aos três pastorinhos (well,
puits, pozo).

quarto (chambre, sleepingroom,
habitación) de Francisco.

quarto (chambre, sleepingroom,
habitación) de Jacinta.

casa de Jacinta e Francisco. (House,
maison).





O Santuário (Sanctuary, Sanctuaire).

Primeira capel no lugar onde a Virgem apareceu (première Chapelle, first Chapel, 1ra. Capilla).

Valinhos, onde a Virgem apareceu em 19 de Agosto de 1917 (Apparition, Aparición 19/8/1917).

Loca do Cabeço, onde o Anjo apareceu (Angel's apparition-de l'Ange, aparición del Angel).

PASTORAL COLECTIVA DO EPISCOPADO PORTUGUÊS

as bênçãos do Céu, multiplicam-se as maravilhas da graça por tal forma que apenas podemos crer no que vemos os olhos. Não são só os filhos da Igreja obedientes e bons que redobram de fervor; são pródigos, que, vencidos das saudades dos carinhos maternos, voltam à casa paterna; e são ainda (quem pudera imaginá-lo?) em países onde apenas começou a raiar a luz do Evangelho, tantos envoltos nas trevas do erro, que, quase à porfia com os fiéis de Cristo, aguardam a sua visita, e a acolhem e a aclamam delirantemente, e a veneram e a invocam, e dela obtem graças assinaladas... Espectáculo singular e singularmente impressionante, que faz conceber as mais risonhas esperanças» (10).

Maria arrasta as almas, como ninguém mais consegue fazer. Ela é a grande missionária que leva o Evangelho a muitos que nunca o ouviram, e faz cair os pecadores nos braços da misericórdia do Senhor.

8. — Vamos celebrar o Cinquentenário das Aparições de Nossa Senhora na Cova da Iria.

Esta data é uma oportunidade excepcional para emprendermos uma profunda renovação da vida cristã nas almas, à luz do Concílio Ecuménico e da Mensagem de Nossa Senhora.

Hão-de organizar-se solenes actos de culto externo, peregrinações, congressos, etc., que ponham em relevo aos olhos do mundo, o verdadeiro sentido da Mensagem de Fátima.

Mas estas celebrações não poderão certamente atingir todo aquele objectivo que é lícito esperar. Os congressos devem ser esplêndidos pontos de partida, momentos de estudo intenso do precioso conteúdo da Mensagem de Nossa Senhora. As peregrinações serão pontos culminantes em que se exprimam pública e colectivamente os sentimentos cristãos do nosso povo.

Porém, entre os congressos e as peregrinações, há um trabalho imenso a realizar, que consiste em levar progressivamente a todas as almas a riqueza da Mensagem, impregná-las do seu conteúdo de doutrina e entusiasma-las pelo seu apelo de renovação cristã.

O Concílio, no seu Decreto sobre o Apostolado dos Leigos, com extraordinária riqueza de expressão, mostrou como «a todos os fiéis é imposto o insigne encargo de trabalhar para que a mensagem divina da salvação seja conhecida e recebida por todos os homens em todos os lugares da terra» (11).

Este trabalho só pode ser feito num conjunto total de esforços que empenhe todas as almas de boa vontade, os sacerdotes, os religiosos e os leigos, todas as obras, organismos e movimentos de apostolado, especialmente a Acção Católica, que, entre nós, tem por Padroeira Nossa Senhora de Fátima.

Deverá ser uma autêntica missão geral, que poderá tomar variadas formas concretas de realização, conforme as circunstâncias e as possibilidades de cada meio, mas que terá sempre um objectivo comum que nos apraz formular nos três pontos que a seguir indicamos.

9. — A Vida em graça tem de ser o objectivo supremo do nosso trabalho apostólico. O Senhor resumiu assim a obra da Redenção: *eu vim para que tenham a vida* (Joan. 10/10).

A organização externa da Igreja, o sacerdócio, os sacramentos, as obras de apostolado, tudo são meios que hão-de orientar-se para este objectivo, a vida em graça. Se parássemos antes de o alcançar, seriam inúteis os nossos esforços.

A Mensagem de Nossa Senhora aos pastorinhos da Cova da Iria põe de frente e em cheio este problema: *não ofendam mais Nosso Senhor*. A guerra é castigo do pecado neste mundo, e, se não houver emenda, o castigo final será a irreparável condenação eterna do Inferno. Quando Nossa Senhora pede que se reze o terço para que a guerra acabe, Ela desencadeia uma grande ofensiva de paz, que não é apenas a paz das armas, mas sobretudo a paz das almas com Deus.

Não mais a guerra, proclamou o Santo Padre Paulo VI na sua mensagem ao mundo na maior assembleia das nações (12). Não mais a guerra, é na verdade a aspiração de todos os homens de boa vontade.

Não mais o pecado; tem de ser este o objectivo supremo dos esforços de renovação da vida cristã à luz do Concílio e

da Mensagem de Fátima, para alcançar a paz total dos homens uns com os outros e com Deus.

Cada pecado mortal que nós conseguimos evitar, cada alma que nós conseguimos trazer à reconciliação com Deus, é um passo enorme no caminho da paz.

10. — Depois deste objectivo supremo, e em certo modo como meio de o alcançar, queremos indicar a *santificação do dia do Senhor*.

Se bem atendermos à lição da Sagrada Escritura, reconheceremos que toda a narrativa bíblica da obra da criação se orienta para a afirmação final de que o Senhor descansou no sétimo dia, e nos deu o preceito fundamental de também nós descansarmos, à Sua imagem e semelhança.

Este era um dos preceitos do Antigo Testamento em que o Legislador Sagrado mais insistia, a ponto de fulminar terribes castigos para quem o violasse.

No Novo Testamento, além do sentido geral de repouso físico e de culto a Deus, a santificação do Domingo tem o carácter específico de celebração da Ressurreição de Cristo. Cada Domingo é assim a renovação do mistério pascal. «Neste dia devem os fiéis reunir-se para participarem na Eucaristia e ouvirem a Palavra de Deus, e assim recordarem a Paixão, Ressurreição e glória do Senhor Jesus e darem graças a Deus que os «regenerou para uma esperança viva pela Ressurreição de Jesus Cristo de entre os mortos» (1 Petr., 1/3). O Domingo, é, pois, o principal dia de festa a propor e inculcar no espírito dos fiéis» (13).

Damos graças a Deus pela maneira cristã como ainda, geralmente, se celebra o Domingo entre nós, mas queremos redobrar de esforços para que o dia do Senhor seja cada vez mais o dia comunitário do povo de Deus em que além dos actos do culto, se pratiquem largamente as obras de caridade e apostolado.

11. — E não queremos deixar de propor também, como objectivo dos nossos esforços apostólicos na hora presente, a grande obra da *santificação da família*.

A circunstância singular de na última aparição em 13 de Outubro, após o diálogo da Senhora com os pastorinhos, se ter manifestado no céu de Fátima a Sagrada Família, parece constituir a família cristã.

Queremos recordar aqui tudo o que dissemos na Nossa Pastoral de 11 de Outubro de 1964. Na verdade a família é a célula da sociedade civil e também a célula natural da própria sociedade cristã.

A graça não destrói mas aperfeiçoa a natureza. O matrimónio foi elevado por Cristo à dignidade de sacramento, sinal e meio de graça santificadora dos esposos que o contraem e dos filhos que são seu fruto.

O Concílio repetidas vezes se dirige à família cristã, a lembrar a sua dignidade e afirmar a esperança que nela deposita, como meio poderoso de renovação social. A dignidade da família cristã chega a exprimir-se nos documentos conciliares com a designação verdadeiramente encantadora de *Igreja doméstica* (14).

As organizações de apostolado têm-se debruçado ultimamente, de modo mais intenso, sobre os problemas da santificação da família cristã. Aproveitamos gostosamente esta oportunidade para louvar os esforços realizados na grande campanha da família, e ao mesmo tempo exortamos os beneméritos cooperadores da nossa missão apostólica a prosseguirem nos seus trabalhos, pois esta é uma das campanhas que nunca podem considerar-se terminadas.

12. — E depois de termos indicado assim três pontos que hão-de constituir o objectivo final de tudo o que fizermos para celebrar o Cinquentenário das aparições de Nossa Senhora, sentimos ainda necessidade de pormenorizar alguns meios que nos parecem muito úteis para alcançarmos esse objectivo.

Sejam as festas e peregrinações em honra de Nossa Senhora cada vez mais renovadas no seu conteúdo espiritual, de harmonia com a Mensagem de Fátima. Se em certas circunstâncias podem admitir-se elementos que fomentam a alegria

PASTORAL COLECTIVA DO EPISCOPADO PORTUGUÊS

exterior, aproveitem-se ao máximo estas festas e peregrinações para chamar as almas à graça dos sacramentos. Promovam-se mesmo, na medida em que a prudência cristã indicar, actos colectivos de reparação penitencial pelos pecados que se cometem.

Nas famílias cristãs desperte-se cada vez mais o hábito da oração em comum. Uma oração viva, consciente, em que se traduzam de verdade os sentimentos de todos, é escola admirável de formação cristã. O terço do Rosário, tão recomendado por Nossa Senhora aos pastorinhos, e tão encarecido ainda recentemente pelo Papa, se for vivido nas intenções concretas das necessidades da família e na aplicação dos mistérios que se meditam às condições de cada um, pode ser a melhor forma de fazer a oração familiar.

Crie-se nas almas o gosto da Comunhão. A recepção frequente dos sacramentos muito contribuirá para a renovação da vida cristã, se for acompanhada das devidas disposições, sobretudo da prática da oração. Insista-se particularmente na intenção reparadora da comunhão para despertar nas almas o desejo de oferecerem ao Senhor uma compensação por aqueles que não creem, não adoram, não esperam e não amam.

13. — O Cinquentenário das Aparições de Nossa Senhora em terra portuguesa é uma ocasião oportuníssima, que desejamos aproveitar para agradecer ao Senhor a chuva de graças que fez descer sobre nós, pelas mãos piedosas da Sua e nossa Mãe.

Temos consciência do privilégio insigne de que fomos objecto, e também da responsabilidade que representa. Por isso agradecemos e imploramos juntamente a graça de correspondermos, o mais fielmente que pudermos, aos designios que o Senhor tem sobre o povo português.

Abrindo-lhe o nosso coração de filhos, pedimos à Mãe do Céu que fale por nós a Jesus.

Nossa Senhora do Rosário de Fátima, nós vos louvamos e bendizemos pelas graças com que o Senhor vos enriqueceu. Pelo privilégio da Vossa Conceição Imaculada e pela graça da Vossa Maternidade Divina, Vós sois bendita entre todas as mulheres.

Nós vos louvamos e bendizemos por serdes a Mãe da Igreja, e com a alma cheia de júbilo vos chamamos nossa Mãe.

Nós vos agradecemos a protecção especial que sempre dedicastes à nossa terra portuguesa, e reconhecemos que nas horas difíceis da nossa história sempre nos amparastes. Queremos que a nossa Pátria seja sempre a Vossa terra.

Nós vos agradecemos, muito especialmente, o terdes escolhido Fátima para vosso altar e os três pastorinhos do nosso povo para vossos mensageiros.

Ajudai-nos, nós vo-lo pedimos, a sermos fiéis à Vossa Mensagem de oração e penitência. Nós queremos conservar as tradições cristãs que os nossos maiores foram acumulando ao longo dos séculos a pureza dos costumes, a santidade da família, a devoção ao Vosso Coração Imaculado e ao Vosso Filho no Santíssimo Sacramento da Eucaristia e a fidelidade à Igreja.

Nós queremos continuar a ser missionários do Evangelho,

e queremos ser agora testemunhas vivas da Mensagem que Vós confiastes aos pastorinhos da nossa terra.

Ajudai-nos, Mãe Santíssima, a realizarmos os designios de Deus sobre nós.

Alcançai-nos do Vosso Divino Filho muitas e santas vocações sacerdotais, religiosas e missionárias, almas de apóstolos, mesmo leigos, que se consagrem generosamente ao serviço da Igreja. E amparai com a vossa protecção materna essas vocações para que perseverem firmes e alegres na sua doação ao Senhor.

Defendei o Santo Padre, representante visível do Vosso Filho junto de nós, e alcançai para a Igreja universal a graça da unidade.

Finalmente nós vos pedimos a graça da paz. No Mundo há guerra; várias nações, e entre elas a nossa Pátria, têm os seus territórios dilacerados e os seus filhos sujeitos à morte violenta das armas. Acabem os ódios e as lutas entre os homens. Amemo-nos todos como irmãos e filhos de Deus.

Medianeira de todas as graças, Rainha da Paz, rogai por nós.

No Santuário de N.ª Senhora de Fátima, em 29 de Junho, dia dos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo.

(Seguem-se as assinaturas de todos os Prelados de Portugal).

(1) D. José Alves Correia da Silva — Carta Pastoral *«A Providência Divina»*, de 13 de Outubro de 1930.

(2) Paulo VI — Discurso de encerramento da 3.ª Sessão do Concílio Vaticano II, 21 de Novembro de 1964. A. A. S. 56 (1964) pág. 1017.

(3) Concílio Vaticano II — Constituição Dogmática LUMEN GENTIUM, n.º 67.

(4) Paulo VI — Encíclica *«Mense Maio»*, de 29 de Abril de 1965. A. A. S. 57 (1965), pg. 357.

(5) Interrogatório feito pelo Rev. Cônego Manuel Nunes Formigão. *«As Grandes Maravilhas de Fátima»*, pág. 99).

(6) Concílio Vaticano II — Constituição Pastoral GAUDIUM ET SPES, n.º 13.

(7) Paulo VI — Constituição Apostólica MIRIFICUS EVENTUS, de 7 de Dezembro de 1965. A. A. S. 57 (1965), pg. 945.

(8) *Novidades* de 14 de Maio de 1963.

(9) Concílio Vaticano II — Constituição Dogmática LUMEN GENTIUM, n.º 62.

(10) Pio XII — Mensagem aos Pastorinhos de Fátima no Encerramento do Ano Santo, a 13 de Outubro de 1951. A. A. S. 43 (1951), pg. 801.

(11) Concílio Vaticano II — Decreto APOSTOLICAM ACTUOSITATEM, n.º 3.

(12) Paulo VI — Discurso nas Nações Unidas a 4 de Outubro de 1965. A. A. S. 57 (1965), pg. 881.

(13) Concílio Vaticano II — Constituição SACROSANCTUM CONCILIIUM, n.º 106.

(14) Concílio Vaticano II — Constituição Dogmática LUMEN GENTIUM, n.º 11.





Carimbo do dia a usar em todas
as Províncias Ultramarinas



SELOS DO ULTRAMAR COMEMORATIVOS DO CINQUENTENÁRIO

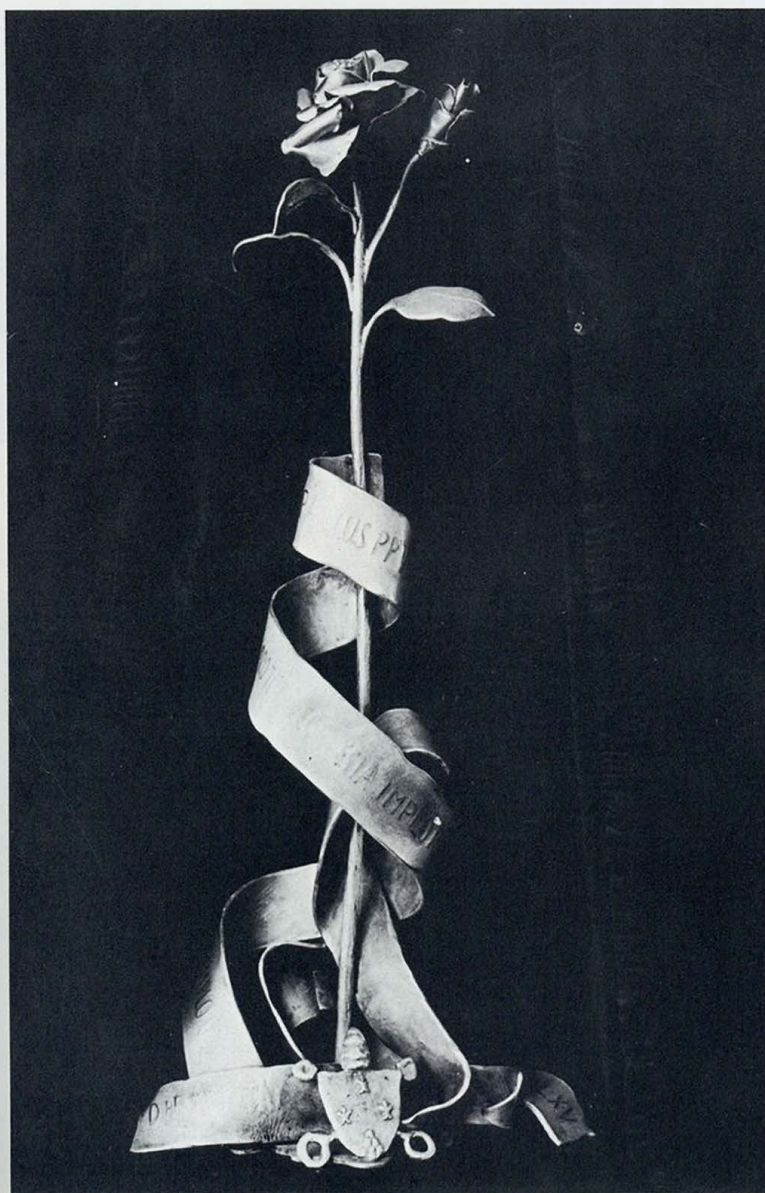
HORAS ALTAS DE FÁTIMA

A ROSA DE OURO

INSCRIÇÃO DA ROSA DE OURO:

*Paulus P P VI Deiparae Patrocinium pro tota Ecclesia
implorans Auream Rosam Fatimensi Templo D D.
Die XIII Mai. A. MCMLXV.*

Paulo VI Sumo Pontífice, dedica a Rosa de Ouro ao
Santuário de Fátima, implorando a protecção da Mãe
de Deus para toda a Igreja. Dia 13 de Maio de 1965.



A ROSA DE OURO é um dom simbólico que os Sumos Pontífices costumam enviar, ora a soberanos, príncipes, rainhas e outras eminentes personagens, como sinal de particular benevolência ou em reconhecimento e recompensa de assinalados serviços prestados à Igreja ou a bem da sociedade, ora a santuários insígnies, a igrejas e mesmo a cidades que, com tal dádiva, desejam distinguir.

O significado da Rosa de Ouro pode deduzir-se do próprio rito da sua bênção, que se baseia na liturgia do Domingo «Laetare», quarto da Quaresma, no qual, geralmente, se procede à mesma. A rosa, por ser a mais bela das flores e de mais suave perfume, bem pode ser tomada como sinal das alegrias espirituais. Geralmente os Papas, nos breves que acompanham tão preciosa dádiva, dão o significado particular que entendem conferir-lhe.

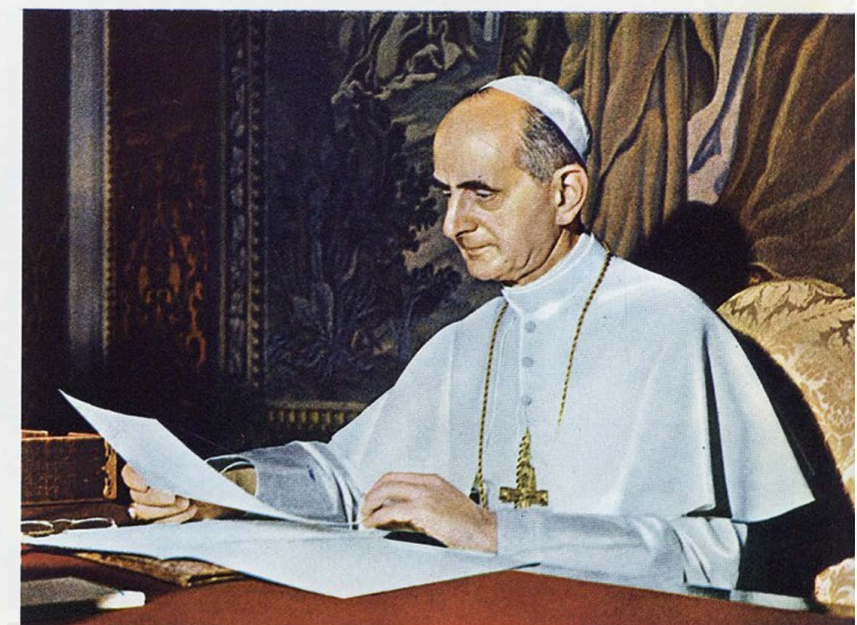
O significado da Rosa de Ouro concedida ao Santuário de Fátima está contido nas palavras que o Senhor Cardeal Fernando Cento, Legado do Papa para o efeito, proferiu ao entregá-la nas mãos do Senhor Bispo de Leiria, como pode ver-se na página 19.

A decisão de Paulo VI foi tomada na terceira sessão do Concílio Ecuménico Vaticano II, durante o discurso pronunciado na altura de sancionar a Constituição Dogmática sobre a Igreja, dirigindo a todos os presentes e ao Mundo inteiro estas palavras:

«Enquanto elevamos a nossa alma numa ardente súplica à Bem-Aventurada Virgem Maria a pedir-Lhe que se digne abençoar o Concílio Ecuménico e a Santa Igreja e apressar a hora desejada em que todos os discípulos de Cristo de novo se unam entre si, os nossos olhos voltam-se para todo o Orbe da Terra como a expandir-se, imensamente, para o Mundo de que este Concílio Ecuménico se tem ocupado com o maior desvelo e o mais amoroso cuidado e o qual o Nosso predecessor o Papa Pio XII, de saudosa memória, não sem inspiração do Alto, solenemente consagrou ao Coração Imaculado da Virgem Maria. Pareceu-Nos razoável comemorar hoje, de maneira singular, tal acto santíssimo de religião.

Movido, pois, por este pensamento, determinamos enviar dentro em breve, por meio de uma missão especial, a Rosa de Ouro ao Santuário de Fátima, sumamente querido, não só dos filhos da nobre Nação Portuguesa — que sempre estimámos e hoje mais do que nunca —, mas conhecido também e venerado de todos os fiéis do Mundo Católico.»

No breve pontifício que acompanhou a entrega da Rosa de Ouro pode apreciar-se em pormenor o que Sua Santidade quis significar com este dom.



A solene entrega da Rosa de Ouro, oferecida por S. S. Paulo VI ao Santuário da Cova da Iria, no dia 21 de Novembro de 1964 por ocasião do encerramento da III sessão do Concílio Vaticano II, a 13 de Maio de 1965 por meio do seu Legado «a Latere» Eminentíssimo Cardeal Fernando Cento.



A ROSA DE OURO

Recebe, Caríssimo Irmão, a Rosa de Ouro que, por especial delegação do Sumo Pontífice Paulo VI, entrego com suma alegria a este insigníssimo Santuário Mariano de Fátima, honra e glória do povo português.

Esta Rosa significa a alegria da Jerusalém Celeste, a Igreja triunfante, e da Jerusalém terrestre, a Igreja militante.

Significa também a Flor, que é o próprio Jesus Cristo, júbilo e coroa de todos os Santos, e aquela formosíssima Rosa, plantada à beira das águas correntes, que é a Santíssima Virgem Maria, Mãe de toda a Igreja.

Esta Rosa de Ouro exprime ainda a singular piedade de S. Santidade o Papa Paulo VI, para com a Santíssima Mãe de Deus, a quem suplicamos, com todas as veras da nossa alma, alcance prosperidade para toda a Igreja e paz para o Mundo por Seu Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, que vive e reina por todos os séculos dos séculos. Amen.



EXCERTOS DO BREVE PONTIFÍCIO

Venerável Irmão, saúde e Bênção Apostólica.

Na última e pleníssima assembleia da III sessão do II Concílio Ecuménico do Vaticano, nós proclamámos a Santíssima Virgem Mãe da Igreja e anunciámos o propósito de enviar, por intermédio de um Nosso Legado, a Rosa de Ouro que resolvêramos conceder ao templo da Fátima. Este Santuário Mariano é, de facto, celeberrimo, não só entre o Nosso amado povo português, mas entre muitos outros cristãos do Mundo. Do mesmo modo que o nosso predecessor Pio XII, de recente memória, em horas de máxima angústia, consagrou o género humano ao Coração Imaculado da Santíssima Virgem, também Nós, considerando as gravíssimas necessidades que presentemente nos afligem, o confiamos aos cuidados da mesma Virgem Mãe. Portanto, no momento de executar o que havíamos anunciado na sessão do mesmo Sinodo Universal, confiamos em que Ela, que é Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo e «Mãe dos seus membros» (*S. Aug., de sancta Virg.*, 6, P. L. 40, 399), obtenha do seu Filho, para o Concílio Ecuménico e para toda a Igreja, nova e fecunda abundância de graças celestes. Queremos que esta dádiva singular, trabalhada em metal precioso, seja sinal perene de todos estes votos que enchem a Nossa alma, e pretendemos com ela honrar este nobre templo de piedade mariana.

O PAPA AOS PEREGRINOS DA FÁTIMA

Amados filhos de Portugal:

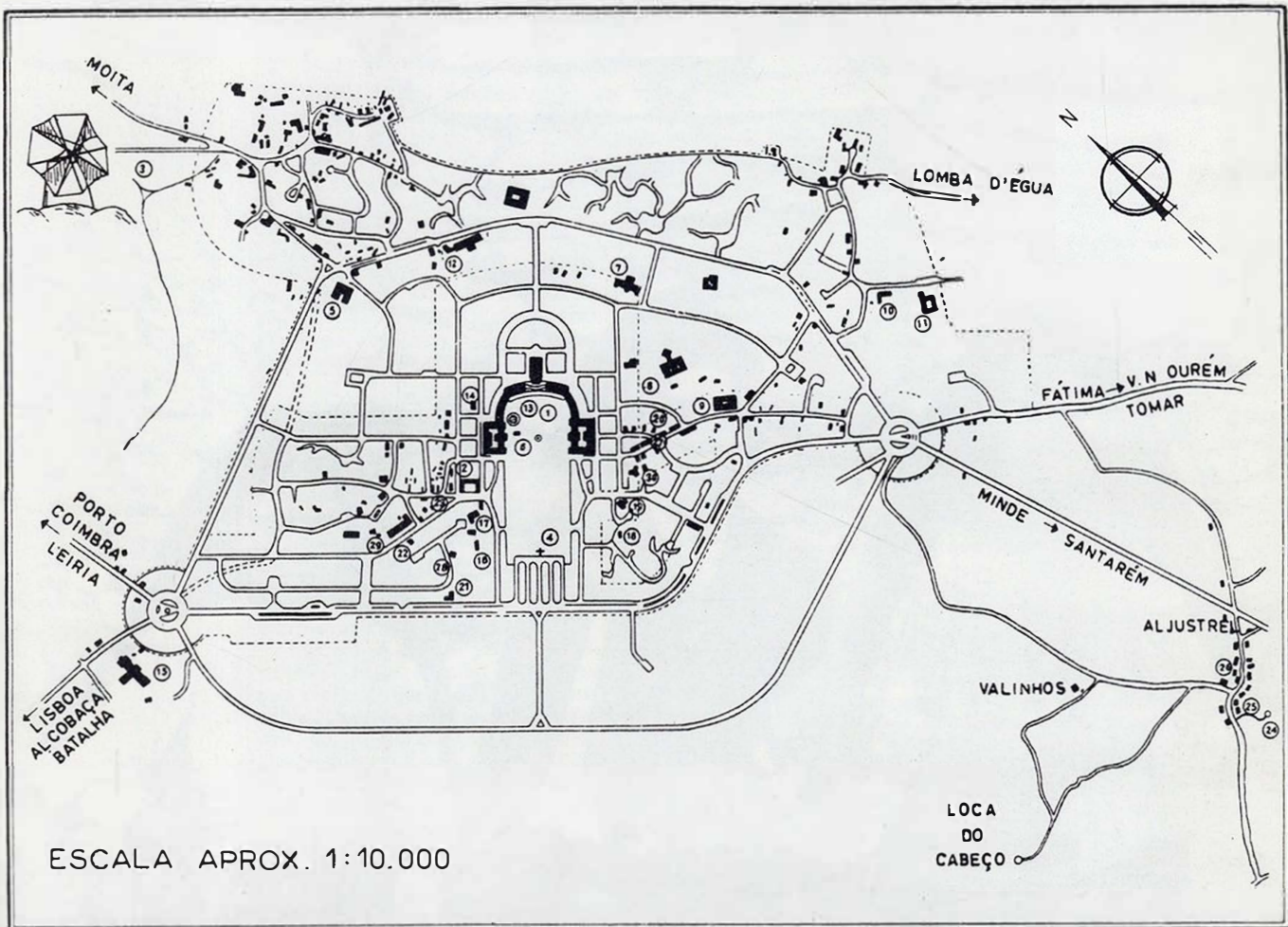
Nesta hora em que Portugal inteiro ajoelha aos pés da Senhora da Fátima, em oração e penitência, desejamos também, amados filhos, levantar as nossas preces, juntamente convosco, à Mãe de Deus e nossa Mãe e pedir-Lhe que lance o seu olhar maternal para o Mundo, ainda tão afastado do seu Divino Filho, e obtenha uma sincera e perene reconciliação dos homens com Deus.

É para nós uma grande consolação saber que centenas de milhares de peregrinos, idos à Cova da Iria, a pé, sob as inclemências do tempo, de todos os recantos de Portugal, para depor no altar de Fátima, neste dia 13 de Maio, os seus preciosos ramalhetes espirituais: de sacrifícios, de sofrimentos, de orações, estão aí hoje reunidos, prestando a sua homenagem à Virgem Santíssima.

Quisemos também nós associar-nos a essa homenagem, enviando a esse insigne Santuário uma Rosa de Ouro pelo nosso legado, Sr. Cardeal Fernando Cento. Esta é testemunho do amor que dedicamos a Portugal católico, missionário e mariano. Que esta nossa lembrança vos seja de estímulo, amados filhos, para corroborardes e aumentardes o vosso amor e devoção Àquela que sempre acompanhou Portugal, em toda a sua tão linda história, desde o berço de Guimarães.

Levantai as vossas orações, juntamente connosco, à nossa Mãe do Céu, pedindo-lhe que abençoe o Mundo e lhe obtenha de Deus a justiça e a paz. Que todas as almas cristãs sejam imagem viva do Seu Divino Filho, o qual derramou todo o Seu Sangue pela redenção da Humanidade, que todos os fiéis vivam o Evangelho e dêem testemunho de Cristo, na sua vida particular, na família, na sociedade, no estudo, no trabalho do campo e da oficina, da fábrica e do escritório, de modo que haja na terra uma maior convivência fraternal, maior compreensão, mais harmonia e um mais intenso e vivido amor do próximo.

Em penhor destes nossos votos, concedemo-vos a vós, peregrinos de Fátima, aos vossos prelados, clero, autoridades civis e a todos os dilectos filhos da Nação Portuguesa a Nossa bênção apostólica.



1 — Santuário; 2 — Posto de Turismo; 3 — Moinho de vento; 4 — Cruz Alta; 5 — Convento do Carmelo; 6 — Capela das Aparições; 7 — Exército Azul; 8 — Missões Consolata; 9 — Irmãs Dominicanas; 10 — Convento Dominicano; 11 — Mosteiro Pio XII; 12 — Casa Beato Nuno; 13 — Azinheira Grande; 14 — C. T. T.; 15 — Seminário do Verbo Divino; 16 — Estalagem Três Pastorinhos; 17 — Hotel Fátima; 18 — Pensão Estrela de Fátima; 19 — Pensão Santa Maria; 20 — Pensão Católica; 21 — Pensão Catarino; 22 — Casa Verbo Divino; 23 — Pensão Santa Cruz; 24 — Poço da Lúcia; 25 — Casa da Lúcia; 26 — Casa de Francisco e Jacinta; 27 — Banco; 28 — Pensão Bom Pastor; 29 — Colégio Coração de Maria; 30 — Restaurante Ave-Maria.

1 — Sanctuario; 2 — Puesto de Turismo; 3 — Molino de Viento; 4 — Cruz Alta; 5 — Convento de las Carmelitas de Clausura; 6 — Capilla de las Apariciones; 7 — Sede Internacional del Ejército Azul; 8 — Misiones Consolata (Seminario); 9 — Convento de MM. Dominicas; 10 — Convento de PP. Dominicos; 11 — Convento del Rosario Perpetuo de MM. Dominicas; 12 — Casa Del Bro. Nuno; 13 — Encina Grande; 14 — Correos; 15 — Seminario del Verbo Divino; 16 — Parador «Três Pastorinhos»; 17 — Parador de Fátima; 18 — Pensión «Estrela de Fátima»; 19 — Pensión «Sta. Maria»; 20 — Pensión «Católica»; 21 — Pensión «Catarino»; 22 — Casa Verbo Divino; 23 — Pensión «Sta. Cruz»; 24 — Pozo de Lúcia; 25 — Casa de Lúcia; 26 — Casa de Francisco y de Jacinta; 27 — Banco; 28 — Pensión «Buen Pastor»; 29 — Colegio del Sdo. Corazón de Maria; 30 — Pensión «Ave Maria».

1 — The Sanctuary; 2 — Tourist-Office; 3 — Windmill; 4 — The High Cross; 5 — Carmelite Convent; 6 — Chapel of the Apparitions; 7 — Headquarters of the Blue Army; 8 — Consolata Missions; 9 — Convent of the Dominican Sisters; 10 — Convent of the Dominican Friars; 11 — Monastery of the Perpetual Rosary Nuns «Pius XII»; 12 — House of the Blessed Nuno; 13 — The Big Holm-Oak; 14 — Post-Office; 15 — Seminary of the Divine Word; 16 — Boarding-House «Três Pastorinhos»; 17 — Hotel Fátima; 18 — «Star of Fatima» Boarding-House; 19 — Boarding-House «Santa Maria»; 20 — «Catholic» Boarding-House; 21 — «Catarino» Boarding-House; 22 — «Verbo Divino» Boarding-House; 23 — «Holy-Cross» Boarding-House; 24 — «Lucia's Well»; 25 — Lucia's House; 26 — Francisco and Jacinta's House; 27 — Bank; 28 — «The Good Shepherd» Boarding-House; 29 — «The Sacred Heart of Mary» College; 30 — «Ave-Maria» Boarding-House.

1 — Le Sanctuaire; 2 — Tourisme-information; 3 — Moulin-a-vent; 4 — La Croix Haute; 5 — Carmel de Saint-Joseph; 6 — Chapelle des Apparitions; 7 — Armée Bleu de N. D. Fátima; 8 — Séminaire des Missions Consolata; 9 — Soeurs Dominicaines; 10 — Couvent des Pères Dominicains; 11 — Monastère Pie XII; 12 — Pères Carmes-Casa Beato Nuno 13 — Vieux Chêne-Vert; 14 — Bureau de Poste; 15 — Séminaire du verbe Divin; 16 — Pension Três Pastorinhos; 17 — Hotel Fátima; 18 — Pension «Estrela de Fátima»; 19 — Pension «Santa Maria»; 20 — Pension Católica; 21 — Pension «Catarino»; 22 — Pension «Verbo Divino»; 23 — Pension «Santa Cruz»; 24 — Le puits de Lucie; 25 — La Maison de Lucie; 26 — La Maison de François et Jacinte; 27 — Banque; 28 — Pension «Bom Pastor»; 29 — Collège du Sacré-Coeur de Marie; 30 — Pension «Ave-Maria».



OS PROTAGONISTAS DO MILAGRE

Do livro FOI AOS PASTORINHOS QUE A VIRGEM FALOU do P. João Marchi, I. M. C.

A LÚCIA

Na serra escavada e pedregosa encontram-se, aqui e além, uns bocadinhos verdejantes onde as casas, pequeninas e humildes, se aconchegam.

Assim o lugarejo de Aljustrel, bem mais rústico do que hoje, há meio século.

Ora, numa destas casitas vivia o sr. António dos Santos, por alcunha o «Abóbora», com sua mulher, a Sr.^a Maria Rosa, e um rancho de filhos, dos quais a mais nova, Lúcia, de nove anos.

A Lúcia não era bonita: as feições grosseiras, a pele queimada pelo sol e pelo ar forte da serra, o olhar um pouco carrancudo. Mas o seu coraçãozinho era de ouro. Bondosa e obediente, esperta e sobretudo de uma meiguice invulgar nas crianças da região, todos lhe queriam muito.

Quando já crescadinha, voltava a casa com o gado que os pais confiavam ao seu juízo de mulherzinha, lançava-se ao pescoço da mãe, abraçava-a, beijava-a e fazia-lhe mil carícias. As irmãs mais velhas troçavam um pouco dela e diziam:

— *Lá vem a menina mimenta...*

Quando lhe nasceu a primeira sobrinha, as horas que passava lá fora com as ovelhinhas pareciam-lhe muito mais longas, tal o desejo de ir para junto da pequenita Maria dos Anjos. Tomava-a nos braços, embalava-a, cobria-a de beijos ardentes.

Não era só com as pessoas de casa que a Lúcia se mostrava assim afectuosa. Todas as crianças corriam para ela, onde quer que a encontrassem. Aos Domingos, ou nas horas da sesta, no pátio da sua casa, juntavam-se oito, dez, doze, e ela, contente, enfeitava as mais pequenitas com flores e com heras; fazia procissões com santinhos, armava andores e tronos e, como se estivesse na igreja, cantava versos a Nossa Senhora.

E findava tudo com a bênção...

Mas os companheiros predilectos dos brinquedos e jogos da Lúcia eram outros dois pastorinhos, seus primos, que moravam a pouca distância dali: Francisco e Jacinta.

Sempre a Lúcia é que dizia a que se havia de jogar.

Muitas vezes era ao botão, às cinco pedrinhas, às prendas, às escondidas:

Regôgô, regôgô, regôgô

Todos se escondem,

Que eu já lá vou.

Não julguem, porém, que a Lúcia só ia atrás de brincadeiras. Ela sabia também contar histórias, sobretudo a história da vida do Menino Jesus.

A oração, então, era um gosto para ela.

No mês de Maio e no das almas, como na Quaresma, recitava o Terço com a família todos os dias, à lareira ou na sala. Quando saía com o gado, levava sempre no bolso as contas que rezava antes de merendar. E nunca se esquecia também de dizer uns Pai-Nosso a Santo António para não perder o gado.

De manhã, antes de se levantar, e à noite, antes de se deitar, depois do acto de contrição, erguia também as suas mãozinhas ao Anjo da Guarda:

Em louvor do nosso Anjinho da Guarda,

Que nos guarde noite e dia

E ande sempre em nossa companhia.

É só assim a pequena se deitava e se levantava contente. Mas a Lúcia não era uma santinha: tinha os seus defeitos como todas as crianças deste mundo.

Tal qual as outras serranitas, gostava de se adornar na ocasião das festas e romarias, com cordões de ouro, com grandes arrecadas de contas doiradas e penas de várias cores.

Era este o seu principal defeito.

Ela mesmo o diz:

— *A vaidade era o meu pior ornamento.*

O FRANCISCO

Carinha redonda, bochechuda, olhos castanhos, cabelos claros e macios; uma alma límpida, um coração terno — aqui temos o nosso amigo Francisco.

Tal qual os outros rapazitos, o Francisco apreciava muito a brincadeira, mas com a diferença de que brincava indistintamente com qualquer e não questionava com nenhum.

Quando, porém, via ou ouvia alguma coisa que não lhe agradava, retirava-se do jogo. Se lhe perguntavam porque se ia embora, respondia:

— *Porque vocês não são bons — ou então, simplesmente: — Porque não quero brincar mais.*

Também aos outros — apesar de o Francisco ser tão bonzinho — lhes não agradava às vezes jogar com ele. É que lhes aborrecia o facto de o Francisco sempre perder pelo pouco empenho que tinha em ganhar. Quando, pelo contrário, ele ganhava e outro teimava em lhe negar os direitos, dizia sossegadamente:

— *Julgas que fostes tu que ganhastes? Pois seja! A mim pouco se me dá!*

Se algum se aproveitava da sua mansidão para lhe tirar alguma coisa, dizia:

— *Deixá-lo lá; pouco me ralo.*

Todos os anos a madrinha Teresa ia à praia e voltando trazia sempre prendas para os afilhados que, mal ela chegava, se apressavam interesseiramente a visitá-la.

Certa ocasião, a prenda para o Francisco foi um lençinho com a imagem de Nossa Senhora da Nazaré, que ele todo satisfeito foi mostrar aos companheiros.

Ora, o lençinho, a certa altura, desapareceu. E quando lhe disseram que estava em poder de outro pequeno que teimava que ele lhe pertencia, o Francisco não fez força para o readquirir.

— *Que fique com ele, a mim pouco me importa o lenço — disse com indiferença.*

Isto não quer dizer que o Francisco fosse um rapaz sem energia, fraco de vontade.

À noite sozinho a qualquer sítio escuro sem mostrar receio. Brincava com os lagartos e as cobras que encontrava no caminho: fazia-as enrolar em volta do seu paizito e dava-lhes de beber nos buracos das pedras o leite das ovelhas. Andava à cata das lebres, das raposas e das toupeiras. Corria atrás das sardaniscas e trazia-as para casa.

— *Era tão mexido que parecia um bezerro* — dizia o Sr. Manuel Marto, pai do Francisco e da Jacinta.

Possuía um carácter cristalino que não sabia fingir.

— *Vai hoje para o oiteirinho da madrinha Teresa que não está em casa, foi para Vila Nova* — disse-lhe um dia a mãe, enquanto ele com a Jacinta saíam com o gado para a pastagem.

— *Então é a minha mãe que me está a ensinar a roubar?* — protestou o pequeno.

A sua alma expandia-se perante as belezas que a mão do Criador espalhara pela serra. Não acabava de admirar o céu imenso e as estrelas: as lâmpadas que Nossa Senhora e os Anjos acendiam para afugentar as trevas da noite.

Maravilhava-o o Sol que via surgir além da colina de Nossa Senhora da Ortiga e ficava tempos infinitos na sua contemplação, à tarde, quando o astro-rei parecia morrer num fantástico mar de sangue por detrás do cabeçaço.

Amava a música e com o pífaro de cana passava horas e horas sentado numa pedra, a maior parte do tempo

OS PROTAGONISTAS DO MILAGRE



acompanhando a Jacinta e a Lúcia, que cantavam e dançavam.

Gostava de imitar o gorgueio das avezinhas; nem podia suportar que as tirassem dos ninhos.

Certo dia viu um seu companheiro com um passarinho na mão.

— *Solta-o!* — pediu-lhe, compadecido e triste, o pequenito.

E como o outro se recusasse, Francisco deu-lhe um vintém para o convencer. Deixou então voar o passarito, dizendo-lhe:

— *Toma cuidado! Não te deixes apanhar outra vez!*

A JACINTA

À semelhança do seu irmãozito Francisco, a Jacinta tinha um rostozinho bonito: olhos límpidos, vivos, boca pequena, figura airosa.

Um casaquinho claro, uma saia de chita escura, uns sapatos grosseiros com cardas, para resistirem às pedras da serra, eis o seu trajar.

Tal a Lúcia, a Jacinta era a mais novinha dos irmãos — dos nove filhos da Sr.^a Olímpia Marto.

Nascera a onze de Março de 1910.

A sua alminha era muito sensível. Ainda de cinco anos, mais ou menos, ao ouvir narrar os sofrimentos de Nosso Divino Redentor, enternecia-se e chorava.

— *Coitadinho de Nosso Senhor!* — repetia — *eu não hei-de fazer nunca nenhum pecado, não quero que Jesus sofra mais!*

— *Vocês não devem dizer palavras feias, porque são pecados e fazem sofrer o Menino Jesus* — dizia a Sr.^a Olímpia aos seus filhinhos.

A Jacinta então, cuidadosamente, não só não pronunciava nenhuma dessas palavras, mas fugia até de todas aquelas crianças que não se envergonhavam de as dizer.

Uma grande amizade a unia a sua prima Lúcia. Só lhe sabia bem brincar com ela e o dia que passasse longe da prima era dia de tristeza, um dia perdido. Jacinta queria-a toda e exclusivamente para si. Mas nem sempre podia ser porque a Lúcia, encarregada de vigiar as crianças que as mães entregavam a suas irmãs, tinha de se ocupar delas. Assim, os três não podiam ir brincar sòzinhos para o poço ao fundo do quintal e a Jacinta ficava toda triste e mesmo amuada.

Sim, porque um dos defeitozinhos da Jacinta era amuar-se. E uma vez por outra a pequena «prendia o burrinho» muito a sério.

— *Pois já não quero brincar!* — teimava.

E ia sentar-se debaixo de uma figueira, toda enrodilhada nas saítas, com as mãos metidas sob o avental. Lá ia então a Lúcia, como uma mãezinha indulgente, fazer-lhe festas e dar-lhe a escolher a brincadeira que mais lhe apetecia.

A Jacinta, como se vê, não era um anjinho descido do Céu.

Um outro seu defeito era ser muito agarrada às suas coisitas. É claro que a nossa não tinha nenhum dos brinquedos próprios das meninas da cidade. Preparar jantarinhos com ervas, pedras, algum caquito de loiça, fazer casinhas e quintais eram os seus divertimentos.

Quanto a jogos, o dos botões era o mais comum. Mas o pior é que faltava o principal: os botões, que a mãe comprava na medida exactíssima de que necessitava. Então que remédio senão arrancá-los cada um das suas roupinhas ... E que sarilho quando no meio da brincadeira, antes de terem tempo de voltar a pregar com uns pontarelos os botões arrancados, se ouvia a voz da Sr.^a Maria Rosa a chamar:

OS PROTAGONISTAS DO MILAGRE

— *Lúcia, ó Lúcia!* ...

Se os botões estavam nas mãos da Jacinta, a prima dizia-lhe aflita:

— *Ó Jacinta, dá-mos cá. Anda!*

Mas a Jacinta o que queria era guardá-los para no dia seguinte não ter que arrancar os seus. Só ameaçando-a de que nunca mais voltaria a jogar com ela é que a Lúcia apanhava os seus botões já em risco de uma boa tarefa se a mãe a visse aparecer com o casaquito todo aberto.

Pensaríamos talvez que estes amuos teriam consequências de parte a parte. Mas qual!

A Lúcia tudo esquecia prontamente. Quanto à Jacinta, o seu coraçãozinho estava tão preso à prima que constantemente se abria em manifestações de afecto e de ternura, algumas de uma delicadeza inconcebível numa rude zagaleta.

Quando a Jacinta descobria a sua corola soberba, completamente desabrochada, com a sua crista levantada no meio, corria a clamar:

Adivinha, adivinha

Quantos galos tem a minha galinha!

Tinha muito amor às suas ovelhinhas e designava cada uma pelo seu nome. Havia a *Pomba*, a *Estrela*, a *Mansa*, a *Branquinha* — os nomes mais lindos que ela sabia.

Que ternura a sua para com os cordeirinhos brancos!

Sentava-se com eles no regaço, abraçava-os, beijava-os e, à noite, trazia-os ao colo para casa, para que não se cansassem e para fazer como o Bom Pastor que ela tinha numa estampazinha.

E as estrelas, pontinhos de oiro nas noites tão belas da montanha!



Desde que um dia fora com a mãe a uma festa de Comunhão Solene e os seus olhitos se tinham fixado nos anjinhos que deitavam flores a Jesus, a Jacinta, de vez em quando, afastava-se dos seus companheiros, ia colher uma arregaçada de flores e vinha atirá-las sobre a prima.

— *Jacinta, porque fazes isto?* — perguntava-lhe a Lúcia.

— *Faço como os anjinhos, deito-te flores.*

Era um dos enlevos da Jacinta — as flores.

E na Primavera era uma tal abundância de flores pela serra ...

As abelhinhas com as suas pétalas doiradas, os malmequeres brancos, pequeninos, a cobrirem tudo como neve, as maias, os lírios amarelinhos, ou rouxos e a rainha da serra, a rosa albardeira.

— *São as candeias dos Anjos* — dizia a pequenita. E desafiava a prima e o irmão a contá-las.

A Lua era a lâmpada de Nossa Senhora, mais bonita que o Sol, porque não fazia mal aos olhos. E quando ela vinha cheia, lá corria a Jacinta a gritar:

— *Ó mãe, lá vem a madrinha do Céu.*

O canto e a dança enchiam também as horas que nunca pareciam longas à pastorinha.

No alto das colinas, ou sobre algum penedo, não se fartava de ouvir o eco da sua voz no fundo dos vales.

O nome melhor que ressoava era o de Maria, e a Jacinta dizia às vezes a Ave-Maria inteira, pronunciando a palavra seguinte só quando a precedente tinha acabado de ecoar.

A Sra. Maria Rosa mãe (mère, mother, madre) de Lúcia.

Os pais de Jacinto e Francisco, Pedro e Olímpia Marto (parents, pères, padres).



O BISPO DAS APARIÇÕES

Natural da freguesia de S. Pedro Fins, concelho da Maia, nasceu Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Snr. D. José Alves Correia da Silva, a 15 de Janeiro de 1872. Tendo ingressado na Faculdade de Teologia de Coimbra em 1892, foi ordenado presbítero dois anos depois, nomeado cônego em 1905, e em 1920 sagrado Bispo da Diocese de Leiria, cargo que exerceu com toda a dedicação e zelo da sua alma generosa até à sua morte.

Sòmente um espírito de tão grandes ideais teria metido mãos à restauração de uma diocese em que proliferava toda a gama de ideologias políticas e religiosas. E de que maneira a diocese sentiu o governo dessa mão forte que soube ergué-la do estado caótico em que se encontrava ao respeito de todo o país!

Também o céu, que por vezes se compraz em presentear já na terra aqueles que trabalham pelo amor de Deus, quis contemplar o seu filho.

A Senhora desceu à Cova da Iria ...

Não era responsabilidade pequena dar crédito a três criancitas ignoradas, que passavam os seus dias nos campos entre as suas ovelhas. Por isso, o Bispo não quis manifestar-se acerca do acontecimento antes de ter procedido a rigo-rosas e demoradas investigações.

Não havia afinal motivo para dúvidas. Era verdade: a Senhora tinha vindo ao Mundo a entregar a Sua mensagem de amor àquelas três crianças.

E com que amor se tornou o Bispo o arauto da Mensagem da Senhora! Bispo de Nossa Senhora ... Que imensa alegria ele não sentiria quando soube que era conhecido pelo nome da sua Mãe do Céu!

Mas a responsabilidade era maior. Era preciso trabalhar e trabalhar muito para que a Senhora se sentisse orgulhosa dele. Por isso foi tão grande a sua actividade em relação a Fátima. Por toda a parte são feitas obras. É preciso tornar a terra inóspita, escolhida pela Senhora, num lugar de oração. A Basilica, as colunatas, os hospitais, a toda a parte chega o apoio e a actividade do Bispo. Mais tarde, a sua doença não lhe daria possibilidade de ver erguer de perto tanta obra realizada por sua iniciativa. Mas o seu espírito lá estava, solícito, junto da terra bendita de Fátima. Em cada peregrinação lá estava a presença querida do Prelado da Virgem a rezar tradicionalmente aquelas orações no fim de cada peregrinação. A Mensagem da Virgem era para o Mundo e, já que era universal a Sua Mensagem, era preciso que fosse universal também a sua oração. Presentes as intensões do Santo Padre, presentes os pecadores, presentes todos os que sofriam da alma ou do corpo.

A sua saúde era débil. Mas, num corpo alquebrado, vivia ainda em toda a sua grandeza um espírito lúcido e corajoso: não lhe bastava ver e saber que era cada vez maior a multidão que acorria a Fátima. Era preciso que a Senhora fosse ao encontro dos que não podiam vir. Ele tinha um imenso amor por Ela e queria que o mundo inteiro A conhecesse. E lá vai a Senhora de Fátima peregrina através de Portugal e depois através do Mundo.

Acompanha-A o coração zeloso do Seu filho. Depois, quando Ela regressa, tem ainda a imensa alegria de A receber.

Nossa Senhora de Fátima dera-se ao Mundo ... Agora era preciso que o Mundo se desse a Nossa Senhora. Cumprida a sua missão, o Senhor chamou-o no dia 4 de Dezembro de 1957. Já nada mais tinha a fazer na terra. E, no céu, lá está ele imensamente feliz, presente nesse abraço de Fátima com o Mundo e do Mundo com Fátima...



O SEGREDO DE FÁTIMA

Dr. Joaquín Maria Alonso, C. M. F.

O título para a minha colaboração foi-me indicado pela direcção da revista. Sem dúvida, um título «gasto», para não dizer «explosivo» em certas ocasiões. De facto, falar ainda hoje do «Segredo de Fátima», depois do que aconteceu — ou «do que não aconteceu» — em 1960, não tem actualidade e por isso mesmo está condenado ao fracasso num Mundo dominado pelo pior dos totalitarismos: os grandes trusts da Imprensa, como imensas teias de aranha com suas redes de agências de informação para dirigir o Mundo e apanhá-lo como se fosse um vil insecto.

Por outro lado, falar, todavia, do «Segredo» com alguma seriedade, expõe-nos ao iminente e nada agradável perigo de sermos incluídos entre os amantes do sensacionalismo e da propaganda fantasiosa de Fátima. Para mal de Fátima, jamais faltaram, ao longo destes cinquenta anos da sua história, os que só vêem em Fátima um motivo de política, de lucro, de turismo e de propaganda jornalística. E o «Segredo» tem sido, precisamente, um dos seus assuntos favoritos.

Nesta e nas seguintes colaborações que, se Deus quiser, vão seguir-se, queremos evitar os dois extremos: a mera repetição do que até agora se tem dito sobre o «Segredo», podendo, no entanto, afirmar que o «Segredo de Fátima» é hoje tão actual como quando o falso «actualismo» de 1960 o levou até ao paroxismo da moda. O «Segredo de Fátima» será sempre actual na Igreja, uma vez que é verdade ser Fátima um eco vivo e vivido do Evangelho e da mais lídima tradição católica.

Mas queremos evitar igualmente o outro extremo: a forte e inútil ressonância que provoca apenas para crispas os nervos e encher as casas de saúde de doentes psicopáticos. Ninguém sonhe que vamos revelar o «Segredo», pela única razão de o desconhecermos. O «Segredo», digamo-lo já, é uma coisa muito séria que não se presta a sensacionalismos. Seguiu um caminho áspero e difícil de subida à montanha de Horeb onde a glória de Deus o envolveu com um manto de respeito e silêncio. Quem se atreverá a gritar na nuvem onde se oculta?

Para orientação dos leitores, apresentamos a ordem das ideias que iremos expor em sucessivos artigos:

- 1 — O conjuro de uma palavra.
- 2 — A economia da sua progressiva manifestação.
- 3 — A redacção da terceira parte.
- 4 — O conteúdo do Segredo.

- 5 — A economia do silêncio em Fátima.
- 6 — Segredo — 1960.
- 7 — Segredo — 1917-1967.
- 8 — Actualidade e escatologia de Fátima.

O CONJURO DE UMA PALAVRA

No insaciável apetite de conhecer que no homem existe, qualquer demora na sua satisfação constitui uma dor. Já o Eclesiástico o dissera com toda a sua experiência da vida: «Quem acumula ciência acumula sofrimento.» Mas trata-se de um sofrimento amado que se torna mais agudo à medida que se adia a ascensão ao cume de uma sabedoria que está inscrita, com caracteres de fogo, nas entranhas do nosso próprio ser pelo Criador.

Aos nossos primeiros pais, disse o Tentador: «conhecereis o bem e o mal». O segredo, o mistério, exercem por isso uma enorme força de atracção sobre o homem: porque o convida a saltar uma barreira que se opõe às mais íntimas tendências do seu ser. Do «mistério» se têm servido todas as religiões para exercer a «fascinação» sobre os seus adeptos, e as práticas exotéricas, próprias dos iniciados, serviam para aumentar o seu número. As religiões de mistérios da época helenística satisfaziam religiosamente todo o homem adicto às filosofias neoplatónicas, precisamente porque lhe devolviam o sentido do «mistério».

A religião católica funda-se também no mistério. Mas dá a essa palavra «conjuro» um sentido e, sobretudo, um espírito muito distinto. Também ela, é certo, teve os seus «iniciados» e exerceu a «prática do segredo». Nos seus ritos primitivos, chegava um

momento (a Missa dos Catecúmenos) em que se corria um véu que ocultava o sacrifício aos olhos dos profanos.

Mas esta prática do segredo, na Igreja primitiva, não tinha por finalidade ganhar o interesse dos possíveis adeptos, senão usar uma prudência elementar nuns tempos difíceis em que a profissão de cristão era um crime contra o Estado, que todos os pagãos estavam dispostos a denunciar.

Mas, dizemos, o «mistério» cristão tinha outro sentido e outro espírito. Ou era o rito sacramental cristão, com seu carácter de simbolismo eficaz que atraía a atenção sobre o seu conteúdo interior, só perceptível aos olhos da fé e negado à percepção dos sentidos; ou era, então — isto já muito mais tarde —, o dogma enunciado em conceitos e termos humanos que expressava como podia as inegáveis realidades do Deus Trino. Eram os «mistérios da fé».

Em qualquer dos dois sentidos, o certo é que o interesse religioso estava fortemente condicionado por essa palavra — conjuro — que é o «segredo», o «mistério».

Fátima tem igualmente o «seu mistério». Alguns poderiam sentir-se tentados a traduzi-lo por seu «encanto», «fascinação», «bruxedo», «feitiço». E, se se tratasse de um andaluz, ele diria o seu «angel» (anjo).

Mas é preciso evitar que este «mistério» de Fátima se converta numa ridícula superstição ou num passa-

O SEGREDO DE FÁTIMA

Lúcia explica a suas irmãs Doroteias como se lhes mostrou o Coração de Maria.

geiro prestígio, que esse doce nome perpétuaamente evoca. Árabe, evocador de antigas fantasias orientais?

Que sentido tem, em Fátima, a palavra «segredo»?

Em primeiro lugar, é evidente, o mistério de Fátima é algo global que envolve todo o seu ser: factos e mensagem. Fátima, hoje, através das garantias eclesásticas de que tão excepcionalmente goza, entra com toda a naturalidade, ia a dizer normalidade, no ambiente integral do «Mistério Cristão». Não, certamente — será preciso insistir? —, como constituindo esse mistério, que só a Escritura e a Tradição contêm, mas como que vivendo, desenvolvendo esse mistério, que não foi legado como uma «teoria» para eruditos da Academia da História. O mistério de Fátima como carisma da Igreja e para toda a Igreja, é uma forma cristã de viver esse mistério integral que Cristo depositou na Sua Igreja e que se desenvolve em formas sacramentais, bem fundamentadas pelos Dogmas-mistérios, pábulo de uma inteligência iluminada pela fé. Fátima não é, em resumo, um acrescento, uma interpolação ao Depósito da Fé; e neste sentido não seria, nem poderia ser, um «segredo», um «mistério». Os que alimentam a vã esperança de que a revelação do segredo de Fátima os vai esclarecer sobre os caminhos do futuro, estão completamente enganados: Fátima, certamente é um carisma, mas não cria nem ilusões nem miragens.

O «segredo de Fátima», portanto, no conjunto do mistério da Igreja, não é uma fria luz polar, é como um borralho onde se oculta ainda o lume, um lar, simples e humilde como a lareira da casa de Lúcia, para aquecer-se ao seu fogo nos longos «serões» deste não menos longo inverno da fé. Há que vivê-lo na esperança e no amor. Eis aqui, pois, um primeiro e fundamental sentido da palavra «segredo» de Fátima, que jamais deve ser esquecido quando tivermos de abordar o problema do seu conteúdo.

Porém, e além disso, a expressão «segredo de Fátima» indica um «conjuro», um «encantamento» que atrai e ao mesmo tempo subjuga, despertando grande interesse pela sua revelação. Não se trata apenas de um jogo infantil e inocente de estudantes que excitam os seus companheiros falando-lhes ao ouvido ... Os garotos de Fátima — a expressão é da Sr.^a Olímpia — falavam «pelos cotovelos» quando estavam sòzinhos, e emudeciam subitamente na presença de outros.

Tão-pouco, simplesmente — como pretende Martindal —, se trata de um ocultamento, retrasado, vivido internamente pelas crianças e por isso com o seu carácter de «segredo». Eis o texto de Martindal que vale a pena reproduzir:

«But we found that — perhaps inevitably — human curiosity has fastened on the «secret» and even to wonder what is in the yet unopened document. Now the first two parts of the secret contain, as we saw, nothing new. «Hell» is no new doctrine; nor



that our Lady is Immaculate. It is not novel or startling information that our Lady proposed to impart to us, but rather, a challenge to look more deeply into what we already know. It need not surprise us that the children were told to say nothing about what had been granted to them; Lucia quite frankly said that she would not have had words in which to express herself properly, and, to the end, that she could give only the «sense» of our Lady's message. This encourages one to think that the «secrecy» of that message may have concerned the intensity with which the children were made to understand certain truths, rather than anything which could be crystallised into clear ideas or put into forms of words».

Neste texto existe um fundo de verdade que deve conservar-se: a razão do silêncio das crianças, mais do que nas próprias indicações da Virgem, estava na *intensidade* com que viveram o «segredo» (sobre isto falaremos noutro artigo); mas isto não pode constituir o próprio sentido *confidencial* do mistério. Porque assim como o Dogma cristão tem um conteúdo «conceptual» e não é puramente uma «vivência», por mais intensa que se suponha, também o «segredo»

(Continua na pág. 38)

MÚSICA DE MANUEL FARIA
LETRA DO P.^E MOREIRA DAS NEVES

Andante - moderato
Côro

Por Cris-to e em Cris-to, que o Mun-do a-bra-ça, Sal-vai o

Mun-do, que em Vós con-fi-a! A-ve, Ma-ri-a, chei-a de

gra-ça A-ve, Ma-ri-a! A-ve, Ma-ri-a! A-ve,

A-ve, A-ve, Ma-ri-a! A-ve, A-ve, A-ve, Ma-

ri-a! *Estrofe* *mf* Nos-sa Se-nho-ra! Nos-sa Se-nho-ra! Fá-ti-ma

re-za; Fá-ti-ma can-ta. *cresc.* *dim.* Can-tam as al-mas: É vos-sa a Ho-ra, Vir-gem das

Vir-gens, ó Vir-gem San-ta Can-tam as al-mas: É vos-sa a Ho-ra, Vir-gem das *dim.*

Vir-gens, ó Vir-gem San-ta *rall. poco* *Côro*

103 Vir-gens, ó Vir-gem San-ta Por

Nossa Senhora! Nossa Senhora!
Fátima reza. Fátima canta.
Cantam as almas: É Vossa a Hora,
Virgem das virgens, ó Virgem Santa!

Por Cristo e em Cristo, que o Mundo abraça,
Salvai o Mundo, que em Vós confia!
Ave, Maria, cheia de graça!

Ave, Maria!
Ave, Maria!

De terra em terra, não há caminhos
Por onde a Vossa bênção não passe.
Conosco exultam os Pastorinhos
Que outrora viram a Vossa face.

Nossa Senhora de olhos celestes,
Glória dos Anjos e Mãe da Igreja:
Vem da Mensagem, que nos trouxestes,
A luz mais clara-bendita seja!

Encheis de rosas os sítios ermos,
Pastora Branca dos Tempos Novos.
Mãe dos aflitos, Mãe dos enfermos,
Dai paz aos homens! Dai paz aos povos!

Na prece ardente, de mãos erguidas,
Na penitência, pureza em chama,
E que se exaltam as nossas vidas
E mais sentimos que Deus nos ama.

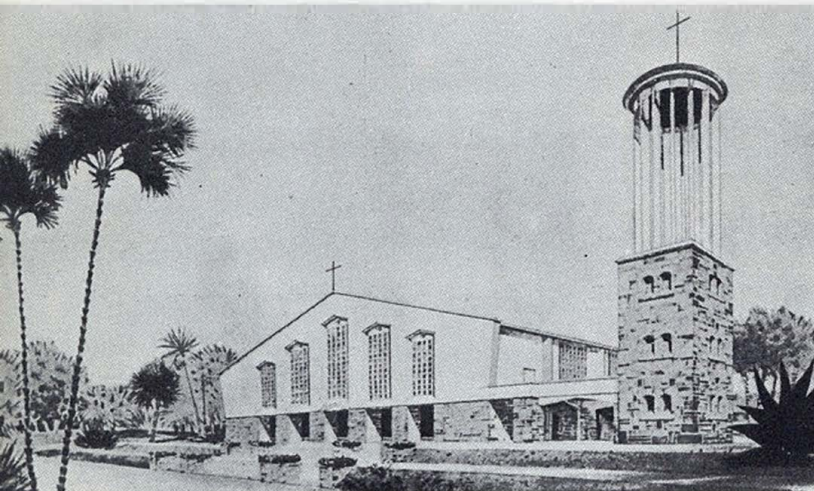
Cinquenta anos já vão dobrados
Sobre o Milagre. Mas dia a dia,
Renascem fontes nos descampados,
Ao sol de Fátima. Ave, Maria!

Velas acesas à Estrela de Alva,
Juntas as vozes em ladainha,
Agradecemos a quem nos salva:
Salve, Rainha! Salve, Rainha!





Dar-es-Salaam



Matadi



Sidi Bel Abbès



Verdun

FÁTIMA no MUNDO

ILHAS CANÁRIAS

DIOCESE DE TENERIFE

Cinco paróquias consagradas a Nossa Senhora de Fátima: Bairro Novo em Santa Cruz de Tenerife; Bairro Novo em La Laguna; Agua García em Tacoronte; El Volcan em Guimar; Los Valles em La Laguna.

Quinze paróquias em que se venera a Imagem de Nossa Senhora de Fátima.

Muitíssimos fiéis praticam os Primeiros Sábados e no dia 13 de cada mês há culto especial com grande assistência.

Peregrinações frequentes, importantíssimas em Outubro de 1953 e em Julho de 1966.

(Informação e foto enviadas pelo Rev. pároco da Freguesia de Fátima de La Laguna.)

TANZÂNIA

DAR ES SALAAM

Uma paróquia dedicada a Nossa Senhora de Fátima.

A igreja foi construída em 1953/1954. Capacidade para 1200 pessoas. Concorridíssima pelos fiéis. O fresco sobre o altar-mor foi pintado pelo famoso artista suíço Franco Togni.

Estão programadas diversas cerimónias em todas as igrejas da Arquidiocese para comemorar o Cinquentenário das Aparições de Nossa Senhora na Cova da Iria.

(Informação e fotos enviadas pelo próprio Arcebispo, Mons. Edgar A. Maranta.)

REPÚBLICA DA ÁFRICA DO SUL

DIOCESE DE KOKSTAD

Uma missão e igreja dedicada a Nossa Senhora de Fátima em Franklin, E. G.

A igreja foi acabada de construir em 1957.

Em muitas outras igrejas e oratórios existem imagens de Nossa Senhora de Fátima, muito veneradas pelos fiéis.

(Informação enviada pelo Bispo da Diocese, Mons. John E. McBride, O. F. M.)

FRANÇA

VERDUN

Entre os numerosíssimos oratórios consagrados à Mãe de Deus sob as mais diversas invocações, o pároco de Braquis, por ocasião do Ano Santo Mariano de 1958, tomou a iniciativa de construir uma pequena capela em honra de Nossa Senhora de Fátima, dentro do espírito de pobreza de Fátima, para melhor dar a conhecer a Mensagem de Fátima. Modestíssima, de apenas 3 m x 3 m x 2,80 m de altura, construída com materiais da terra, tijolo. Situada no centro de um are de terra no parque da cidade, à beira da estrada nacional n.º 408.

A bênção da Capela e da Imagem foi a 10 de Maio de 1959. Todos os anos, no domingo seguinte ao dia 13, se realiza ali uma peregrinação com Missa solene, sermão da circunstância e terminando com o «A 13 de Maio», melodia portuguesa. Cada ano aumenta consideravelmente o número de peregrinos.

(Informação e foto enviadas pelo Bispo de Verdun, Mons. Pierre Boillon)



La Laguna (Canárias)



Dar-es-Salaam



Birmingham



ARGÉLIA

ORÃO

Uma igreja dedicada a Nossa Senhora de Fátima, em Sidi Bel Abbes, que foi paróquia mas se transformou em Santuário Mariano após a partida em massa da comunidade cristã, logo a seguir à independência. Foi construída em 1960 e tem capacidade para 400 pessoas.

As crianças da Comunhão Solene todos os anos vão ao Santuário fazer a sua consagração a Nossa Senhora. Todos os Sábados à tarde ali é celebrada a santa Missa.

Junto à igreja existe um dispensário no qual enfermeiras católicas missionárias atendem diariamente de 150 a 200 doentes argelinos, e tratam do arranjo e conservação do Santuário.

(Informação e foto enviadas pelo Cón. Dauger, Vigário-Geral)

GRÃ-BRETANHA

ARCEBISPADO DE BIRMINGHAM

Uma paróquia dedicada a Nossa Senhora de Fátima. População católica: 1000. A população católica na Inglaterra é minoria, embora considerável. Na cidade de Birmingham é de 10 % da população. A paróquia foi fundada em 1955, com o núcleo de fiéis que já existia, desmembrando-se assim da paróquia vizinha.

O actual salão-igreja foi construído em 1952, como centro religioso e social para os católicos da área. Tem 250 lugares sentados. Vai construir-se em breve uma autêntica igreja. Existe já uma escola primária sob a invocação de Nossa Senhora de Fátima para educação de 280 crianças dos cinco aos onze anos de idade. Será inaugurada solenemente neste dia 13 de Maio, como parte das cerimónias comemorativas do Cinquentenário das Aparições de Nossa Senhora de Fátima.

(Informação e fotos enviadas pelo Rev. W. O. Brien, secretário do Arcebispo e em nome deste.)

REPÚBLICA DO CONGO KINSHASA

MATADI

Uma paróquia dedicada a Nossa Senhora de Fátima. A igreja foi construída em 1955-1956.

Dimensões: 75 m de comprimento × 25 m de largura × 15 m de altura.

(Informação e foto enviadas pelo Bispo de Matadi).

CANADÁ

SAINT-JEAN, P. Q.

Uma paróquia dedicada a Nossa Senhora de Fátima, fundada em 16/12/1949. A igreja actual foi construída em 1964, com capacidade para 600 fiéis.

(Informação e foto enviadas pelo Rev. Pe. Marcel Brillón, Vice-Chanceler do Bispado.)

RESÚMENES

PRESENTACIÓN

El Señor Obispo de Leiria presenta la nueva revista:

«Fátima — 50» es una revista ilustrada de muy limitado ámbito informativo por lo cual no viene a hacer concurrencia a ninguna otra publicación. Sueño de hace muchos años, solamente hoy, con motivo de las conmemoraciones del Cincuentenario de las Apariciones de la Santísima Virgen en Cova da Iria, se concretiza. Pretende ser un archivo ilustrado y documental de la vida y movimiento del Santuario en el país y en el Mundo. Nada que interese a Fátima le es indiferente. No se trata de una revista exclusivamente culta, pero deseamos que las personas cultas la lean con agrado y provecho. Es una publicación para todos cuantos se interesan por Fátima.

Empezamos no sin ignorar las dificultades de todo orden que se presentarán, pero confiamos en todos nuestros amigos y devotos de la Virgen de Fátima a los cuales rogamos oraciones, suscripciones, noticias, fotos, documentos y todo cuanto pueda abrir camino a la revista de Nuestra Señora de Fátima y hacerla progresar.»

† Juan, Obispo de Leiria

EL SECRETO DE FATIMA

El autor habla de la actualidad del «secreto» a pesar de todo cuanto hasta hoy se ha dicho y supuesto sobre el mismo. Es el primero de una serie de ocho artículos en que se agotará, en la medida de lo posible, el asunto.

EL CONJURO DE UNA PALABRA es el título de este primer artículo en el cual el autor, después de explicar el significado de secreto y misterio en las Religiones primitivas y en la misma Iglesia Católica, afirma que «el misterio de Fátima es algo global que envuelve todo su ser: hechos y mensaje. Fátima, hoy, a través de las garantías eclesiales de que tan excepcionalmente goza, entra con toda naturalidad — iba a decir — con toda normalidad, en el ambiente integral del «Misterio cristiano». No como constituyendo ese misterio,

que solo la Escritura y Tradición contienen; sino como viviendo, desarrollando ese misterio que no fué dado como una «teoría» para eruditos. El misterio de Fátima como carisma de la Iglesia y para la Iglesia toda, es una forma cristiana de vivir ese misterio integral que Cristo depositó en su Iglesia y que se desarrolla en formas sacramentales, bien sostenidas por los Dogmas-misterios, pábulo de una inteligencia iluminada por la fe.

Concluyendo por explicar como los niños consideraban «secreto» una cosa que en verdad no lo era, como la existencia del Infierno, y después de rebatir algunas explicaciones de autores varios, termina por afirmar: La palabra «secreto» no aparece en los textos de Fátima para significar «causa», «resorte», «motivo», sino para indicar un contenido que se mantiene oculto. Ese sentido de «resorte» que es ya traslaticio le viene precisamente a la palabra «secreto» en razón de su significación primigenia de «oculto». El «secreto» de un caso es algo que estando «oculto» da la «clave» para su consecución. Ese sentido trasladado de la palabra «secreto» no lo conocían los pequeños serranitos de la altiplanicie de Fátima.

Hay que atenerse, pues, a esta simple definición descriptiva: «Secreto de Fátima, en un sentido amplio, pero verdadero, es el misterio total de Fátima» que ofrecen sus hechos y textos; vistos en el conjunto carismático con que fueron entregados a la Iglesia. Y, en un sentido más específico, es el contenido especial, reservado y oculto, que los pequeños videntes no quisieron manifestar, y al que llamaron «secreto».

Dr. Joaquín María Alonso, C. M. F.

LOS VIDENTES DE FATIMA

Lucía de Jesús, la principal protagonista de las apariciones, nació el 22 de Marzo de 1907, en Aljustrel, de la parroquia de Fátima. En 17 de Mayo de 1921 ingresó en el Asilo de Vilar (Oporto), dirigido por las religiosas de Santa Dorotea. Después se dirigió a Tuy donde tomó el hábito con el nombre de Maria Lucia de los Dolores. Hizo la profesión religiosa de votos tempora-

les el 3 de octubre de 1928, y después de seis años, el 3 de octubre de 1934, la de votos perpetuos.

El día 24 de marzo de 1948 se trasladó a Coimbra, y poco después, satisfaciendo sus anhelos de más perfección, movida por su ardiente y antiguo deseo de entregarse más a la vida contemplativa, y autorizada para ello por Su Santidad Pío XII, ingresó en el Carmelo, que la Orden del Carmen tiene en Coimbra, y tomó el nombre de **Hermana Maria Lucia del Corazón Inmaculado**.

El día 31 de mayo de 1949 hizo la Profesión de votos solemnes en presencia de tres Obispos.

FRANCISCO MARTO nació el 11 de junio de 1908 en Aljustrel, parroquia de Fátima. El 23 de diciembre de 1918, con su hermana Jacinta, cayeron gravemente enfermos, atacados por la terrible epidemia de bronconeumonía.

El día 4 de abril de 1919, Francisco Marto, en la casa de sus padres, expiró dulcemente.

Los restos mortales de Francisco fueron sepultados en el cementerio parroquial hasta el día 13 de marzo de 1952, día en que fueron trasladados para la basílica de la Cova da Iria, donde reposan en sepulcro igual y simétrico al de Jacinta, su hermana.

JACINTA MARTO nació en Aljustrel, el día 11 de marzo de 1910. En el día 2 de febrero de 1920 se fué a Lisboa, para ser operada en el Hospital Dona Estefânia. El 10 de febrero fué operada. Y el viernes, 20 de febrero de 1920 murió santamente. Tenía solo diez años.

El 12 de septiembre de 1935 fue solemnemente trasladado el cadáver de Jacinta desde el sepulcro de la familia del Barón de Alvaizere, de Vila Nova de Ourém, al camposanto de Fátima, para ser colocado junto a los restos mortales de su hermanito Francisco, en un sencillo mausoleo construido al efecto.

El día 1.º de mayo de 1951 se efectuó con la mayor sencillez el traslado de los restos mortales de Jacinta al nuevo sepulcro preparado en el Santuario de Cova da Iria. La víspera se había procedido a la apertura del pequeño mausoleo en el cementerio parroquial de Fátima, y al examen médico-canónico de los despojos que encerraba.

RÉSUMÉS

PRESENTATION

Monseigneur l'Evêque de Leiria fait la présentation de la revue de la manière ci-dessous résumée:

«Fátima — 50» est une revue illustrée avec une sphère d'information très délimitée et concrète qui ne vient faire concurrence à aucune autre publication. Ce rêve d'il y a bien des années, aujourd'hui seulement, avec l'ouverture des commémorations du Cinquantenaire, peut devenir une réalité.

Elle prétend être une revue illustrée de Fátima, un document illustré de sa vie et du mouvement du Sanctuaire, dans le Pays et à travers le monde. Nous pouvons dire que rien ne lui est étranger ou indifférent de ce qui regarde Fátima. Ce n'est pas une revue exclusivement savante, ni réservée seulement aux intellectuels. C'est une revue pour tous ceux qui s'intéressent à Fátima, mais nous désirons que les personnes cultivées en général la lisent avec plaisir.

Nous allons commencer et nous n'ignorons pas les difficultés de tous ordres que nous aurons à affronter et à vaincre, mais nous avons confiance en l'indulgence de nos amis et dévôts de Notre Dame de Fátima, auxquels nous demandons prières, abonnements, nouvelles, photographies, tout ce qui peut ouvrir le chemin à la revue de Notre Dame de Fátima et la faire progresser.

† Jean, Evêque de Leiria

LE SECRET DE FATIMA

L'auteur parle de l'actualité du «secret» de Fátima, malgré tout ce qui déjà a été dit et supposé sur ce secret. Cet article est le premier d'une série de huit qui, nous l'espérons, épuiseront la matière.

«L'EXPLICATION D'UN MOT», tel est le titre de ce premier article dans lequel l'auteur, après avoir expliqué le sens du secret et celui du mystère dans les Religions antiques et dans l'Eglise Catholique elle-même, affirme que «le mystère de Fátima est quelque chose qui l'enveloppe tout entier: faits et message. Fátima, aujourd'hui, à travers les garanties ecclésiastiques dont elle jouit de façon si exceptionnelle,

entre tout naturellement, c'est-à-dire normalement, dans l'ambiance intégrale du «Mystère Chrétien». Non en tant que constituant ce mystère, que seules l'Ecriture et la Tradition contiennent, mais comme vivant, développant ce mystère. Le mystère de Fátima, comme charisme de l'Eglise, et pour toute l'Eglise, est une manière de vivre ce mystère intégral, que le Christ a déposé dans son Eglise et qui se développe par le moyen des Sacrements, solidement fondés sur les Dogmes — Mystères, aliment d'une intelligence illuminé par la Foi. L'auteur conclut en expliquant comment les Enfants considéraient comme «secret» une chose qui, en réalité, ne l'est pas, comme l'existence de l'enfer; et après avoir réfuté quelques explications données par divers auteurs, il termine en affirmant: «Le mot «secret» n'apparaît pas dans les textes de Fátima pour signifier «clé» «cause» «motif», mais pour indiquer un contenu qui reste caché, mystérieux. Ce sens de «clé» qui déjà est métaphorique, se joint justement au mot «secret» en raison de sa signification primitive de «mystère». Le «secret» dans le cas présent, est quelque chose qui, étant «imptérieuse» fournit la clé par sa réalisation».

Ce sens métaphorique du mot «secret», les enfants montagnards du haut plateau de Fátima ne le connaissaient pas. Nous devons donc nous arrêter à cette simple définition descriptive: «Le secret de Fátima, dans un sens large mais vrai, est le mystère total de Fátima que nous offrons ses faits et ses textes, vus dans l'ensemble charismatique avec lequel ils furent remis à l'Eglise; et dans un sens plus restreint, c'est le contenu spécial, réservé et mystérieux, que les Petits Voyants ne voulaient pas manifester et qu'ils appelèrent «secret».

Dr. Joaquin Maria Alonso, C. M. F.

LES VOYANTS DE FATIMA

Lucie de Jésus, la principale protagoniste des apparitions, naquit le 22 mars 1907, à Aljustrel, paroisse de Fátima. Le 17 mai 1921 elle entra à l'Asile de Vilar (Oporto) dirigé par les Religieuses de Sainte

Dorothée. Ensuite elle se rendit à Tuy où elle revêtit l'Habit Religieux et prit le nom de Marie Lucie des Douleurs. Elle fit Profession des Voeux Temporaires le 3 octobre 1928 et, après 6 ans, le 3 octobre 1934, elle émit ses Voeux Perpétuels.

Le 24 Mars 1948, elle vint à Coimbra et, peu après, satisfaisant sa soif de plus grande perfection et mue par son ardent et ancien désir de s'adonner davantage à la vie contemplative, elle fut autorisée par Sa Sainteté Pie XII à entrer au Carmel de Coimbra où elle prit le nom de Soeur Marie Lucie du Coeur Immaculé.

Le 31 mai 1949 elle fit la Profession des Voeux Solennels en présence de 3 évêques.

François Marto naquit le 11 juin 1908 à Aljustrel, paroisse de Fátima. Le 23 décembre 1918, lui et sa soeur Jacinte, tombèrent gravement malades, atteints par la terrible épidémie de bronco-pneumonie.

Le 4 avril 1919, François Marto expira doucement à la maison de ses parents.

Il fut enseveli dans le cimetière paroissial et, plus tard, le 13 mars 1952, ses restes mortels furent transportés à la Basilique de la Cova da Iria où ils reposent dans un sépulcre semblable et symétrique à celui de Jacinte, sa soeur.

Jacinte Marto naquit à Aljustrel le 11 mars 1910. Le 2 février 1920 elle fut conduite à Lisbonne, à l'Hôpital Dona Estefânia pour y être opérée le 10. Elle y mourut saintement le 20 février 1920. Elle avait à peine 10 ans.

Le 12 septembre 1935, le corps de Jacinte fut solennellement transporté du sépulcre de la famille du baron de Alvaiazeres de Vila Nova de Ourém, au cimetière de Fátima, pour être placé avec les restes mortels de son frère François, en un simple mausolée construit à cet effet.

Le 1er mai 1951 fut effectuée avec la plus grande simplicité la translation des restes de Jacinte dans le nouveau sépulcre préparé dans le Sanctuaire de la Cova da Iria. La veille, on avait procédé à l'ouverture du petit mausolée au cimetière paroissial de Fátima et à l'examen médical canonique du corps.

SUMMARY

INTRODUCTION

His Lordship the Bishop of Leiria writes the introduction to the review which we summarize as follows:

«Fatima — 50» is an illustrated review a very concrete and limited scope of information, so that it does not compete with any other publication. It is a wish, a dream, of many years which only now at the opening of the Golden Jubilee celebrations, becomes a reality.

It aims to be an illustrated review of Fatima, an illustrated record about its life and events of the Sanctuary, its impact on Portugal and the World. We can say that nothing which concerns Fatima can be foreign or indifferent to it. It is not an exclusively learned review, nor is it reserved to intellectuals only. It is a review for all who are interested in Fatima, but we cherish the desire that cultured people in general may read it with pleasure.

Let us begin then. We well know that there are difficulties of every kind which we must face and overcome, but we count on our friends and devoted lovers of Our Lady of Fatima, of whom we ask prayers, subscriptions, news, photographs, everything in fact which can clear the way for this review of Our Lady of Fatima and help it forward.»

† John, Bishop of Leiria

THE SECRET OF FATIMA

The author speaks of the actuality of the «secret» of Fatima, in spite of all that has been said and supposed about the same. This the first of a series of eight articles which will include all that is to be said, as far as possible, on the matter.

O CONJURO DE UMA PALAVRA, the conjuring of a word, is the title of this first article in which the author, after explaining the meaning of secret and mystery in ancient

Religions and in the Catholic Church, affirms that «the mystery of Fatima is something global which involves its whole being: facts and message. Fatima, today, through the ecclesiastical guarantees which it so exceptionally enjoys, enters quite naturally, I was going to say normally, into the integral sphere of the «Christian Mystery». Not as constituting this mystery, which is only contained in Scripture and Tradition, but as living, developing this mystery. The mystery of Fatima, as a charism of the Church and for the whole Church, is a way of living this integral mystery which Christ deposited in His Church and which develops in sacramental forms, well grounded on the Dogma-mysteries — nourishment for an intelligence illumined by faith. Concluding with an explanation as to how the children considered «secret» something which was not so in fact, as the existence of Hell, and after refuting some explanations given by various authors, he ends by affirming: «The word 'secret' does not appear in the texts of Fatima to signify 'spring', 'cause', 'motive', but to indicate contents which are kept hidden. This meaning of 'spring' which is metaphorical, can be applied, precisely, to the word 'secret' by reason of its original meaning of 'hidden'. The 'secret', in the present case, is something which, being 'hidden', provides the 'key' to its logical sequence.

This metaphorical meaning of the word 'secret' was not known to the little children of the serra on the mountain plateau of Fatima. We should, therefore, confine ourselves to this simple descriptive definition: The Secret of Fatima, in an extensive and true sense, is the total mystery of Fatima which its facts and its texts present, seen in the charismatic entirety with which they were entrusted to the Church. And, in a more specific

sense, it is the particular contents, reserved and hidden, which the little seers did not wish to manifest and which they called 'secret.'

Dr. Joaquim Maria Alonso, C. M. F.

THE SEERS

Lúcia was born on 22 March 1907. On 31.5.1949 made solemn vows in the Convent of Santa Teresa, in Coimbra, with the religious name Sister Lucy of Immaculate Heart of Mary.

FRANCISCO MARTO was born on 11.6.1908. Died in Aljustrel the 4.4.1919. Francisco's mortal remains were carried from the parish cemetery to the church of the Sanctuary and repose near the altar of the Holy Ghost.

JACINTA MARTO was born the 11.3.1910. Died in the Hospital Dona Estefânia, in Lisboa, the 20 February 1920.

Jacinta's mortal remains were carried from Lisboa to the crypt of the noble family of Alvaizere (Vila Nova de Ourém) where they remained till September 12th. 1935. On that date they were transferred to the parish cemetery, where her brother was buried.

Since the 1st of May, 1951 Jacinta's body still recognisable, rests in the Sanctuary Church near the altar of the Visitation of Our Lady.

The 21 of December 1949, the Portuguese Catholic Youth asked the Bishop of Leiria the organization of the informative process for the Beatification of the Francisco and Jacinta Marto.

The 17.4.1961, the Bishop appointed the Rev. Father Luis Kondor, SVD, Postulator of the Beatification. The graces obtained by intercession of the little seers of the Mother of God, are published in a little periodical publication called VIDENTES DE FÁTIMA, «Seers of Fatima».

O SEGREDO DE FÁTIMA

de Fátima, o seu sentido *confidencial* não pode reduzir-se a essa vivência — aliás bem acentuado por Martinhal — senão que tem o seu *Logos*. Noutro artigo veremos que funções de «esclarecimento» pode ter o mistério de Fátima e, como, realmente, a sua revelação cumpre, não só meros serviços de vivência cristã, mas também, embora modestamente, funções de *Logos*.

Outro autor, o Pe. Veloso, movido por dificuldades semelhantes às do Pe. Martinhal, ofereceu outra solução:

«Com efeito, se a existência do Inferno é um dogma católico, claramente enraizado no Evangelho, como

havemos de entender que, da sua manifestação, a três crianças em Fátima, se faça objecto de um segredo, que seria inútil, tanto mais que, passados alguns anos, o vimos finalmente, ao menos em parte, manifestado ao Mundo? A resposta é, porém, mais difícil do que, à primeira vista, pode parecer. A palavra «segredo» não exprime apenas «uma verdade que se oculta»; significa também o sentido oculto, a explicação, o motivo, a chave, o modo particular de conseguir determinado efeito. Um exemplo: pouco antes de expor, no Instituto Superior Técnico, a minha comunicação, tinha o Dr. João Porto afirmado,

O SEGREDO DE FÁTIMA

ao falar de «alguns aspectos sobre direitos e deveres dos trabalhadores» que o «segredo da conversão dos pecadores foi o sofrimento dos pequeninos, a oração e a consagração ao Imaculado Coração de Maria». Ora, é precisamente neste sentido que o «segredo» relativo à visão do Inferno se deve, a meu ver, interpretar. Com efeito, a primeira lei de uma exegese sã e escoreita é o bom senso. Por outro lado, o bom senso exige que a uma expressão inteligente se procure uma significação razoável. Pois bem, teremos essa significação razoável, se compreendermos que a mola oculta, o motivo explicativo, a chave, o segredo, o sentido particular da Mensagem de Fátima é, precisamente, a existência do Inferno. Quer dizer: se não houvesse outra vida, com a alternativa terrível, mas possível, da perdição eterna, a Mensagem de Fátima certamente se não teria dado. Não existiria. Mais: devia ter sido neste sentido que, subjacente à Mensagem, se deu, em Fátima, a visão do Inferno. Quer dizer: o Inferno não é segredo para ninguém, mas é o «segredo» de tudo quanto em Fátima se passou e continua a passar.»

Esta segunda explicação, portanto, reduz o conteúdo do segredo de Fátima à força «motiva» que continham as suas verdades já bem conhecidas. Também aqui é certa esta afirmação. E Lúcia, em vez de contradizê-la, afirmou com uma força fora do comum, dizendo da sua prima:

«Como é que a Jacinta, tão pequenina, se deixou possuir e compreendeu um tal espírito de mortificação e penitência? Parece-me que foi, primeiro, por uma graça especial que Deus, por meio do Imaculado Coração de Maria, lhe quis conceder; segundo, olhando para o Inferno e a desgraça das almas que ali caem.»

Mas esta explicação, a que pretende, precisamente, conservar o bom senso, não responde — como veremos — aos factos e textos de Fátima. Já que a palavra «segredo» não aparece neles para significar «causa», «mola», «motivo», senão para indicar um conteúdo que se mantém oculto. Este sentido de «mola» que já é translático, adere-se, justamente, à palavra «segredo» por razão da sua significação primigénia de «oculto». O «segredo», no caso presente, é algo que, estando «oculto», fornece a «chave» para a sua consecução.

Esse sentido translático da palavra «segredo», não o conheciam os garotitos serranos da altiplanicie de Fátima.

Devemos, pois, ater-nos a esta simples definição descritiva:

«Segredo de Fátima, num sentido amplo, mas verdadeiro, é o mistério total de Fátima que os seus factos e os seus textos oferecem, vistos no conjunto carismático com que foram entregues à Igreja. E, num sentido mais específico, é o conteúdo especial, reservado e oculto, que os pequenos videntes não quiseram manifestar e ao qual chamaram «segredo».

FÁTIMA-50

Ano I-Nº1 13/Maio/1967

REVISTA MENSAL DE ACTUALIDADES,
DOCUMENTAL E ILUSTRADA
(ESPAÑOL, FRANÇAIS, ENGLISH)

Editor e Director:

Cón. Dr. JOSÉ GALAMBA DE OLIVEIRA

Chefe de Redacção:

Dr. MÁRIO MANUEL D'OLIVEIRA FIGUEIREDO

Propriedade do SANTUÁRIO DE FÁTIMA

Direc. Literária e Artística: MÁRIO DE FIGUEIREDO

Redacção, Administração e Publicidade:

SANTUÁRIO DE FÁTIMA

FÁTIMA — PORTUGAL • Telef. 972 23/971 82

PREÇÁRIO (pagamento adiantado): Assinatura anual
(12 números) — 100\$00 — Exemplar avulso: 10\$00

Ultramar, Espanha e Brasil — Assinatura anual: 120\$00

Outros países — Assinatura anual: 130\$00

PRIX D'ABONNEMENT - 12 numeros (un an): 130\$00

Les paiements peuvent être effectués en devises étrangères au taux du jour.

SUBSCRIPTION RATES - Series of 12 copies (1 year):
130\$00 — Payment may be made in any currency at
rate of exchange of the day.

SUSCRIPCIÓN ANUAL: 120\$00. El pago puede hacerse efectivo mediante giro postal o cheque bancario.

Aceita-se publicidade, seleccionada. Preços a combinar.

Colaboram neste número: S. S. Paulo VI, Dom João Pereira Venâncio, Bispo de Leiria, Dr. Joaquín María Alonso, C. M. F., Dr. José Galamba de Oliveira, Manuel de Faria, P.º Moreira das Neves, Oliveira Figueiredo, P.º João Marchi, I. M. C., Arquivo do Santuário.

Fotos: Arquivo do Santuário, Rev. P.º Luís Kondor, S.N.I.

A Redacção de «FÁTIMA 50» agradece as colaborações dedicadas mas anónimas que permitiram a edição deste número.

«FÁTIMA 50» declina toda a responsabilidade sobre os originais que não forem solicitados directamente. Não obstante agradece toda a colaboração espontânea que, se for conveniente, será devidamente retribuída.

Composto e impresso por GRIS, IMPRESSORES, S.A.R.L., Lisboa/Cacém, com a colaboração dos Serviços Gráficos da Editorial Verbo.

